

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

SOFIA BOCCA

TURMA DA MÔNICA: CARÁTER UTILITÁRIO OU ESTÉTICO?

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2015

SOFIA BOCCA

TURMA DA MÔNICA: CARÁTER UTILITÁRIO OU ESTÉTICO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação e Departamento Acadêmico de Línguas Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dra. Alice Atsuko Matsuda

CURITIBA

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

TURMA DA MÔNICA: CARÁTER UTILITÁRIO OU ESTÉTICO?

por

SOFIA BOCCA

Este(a) Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em 11 de fevereiro de 2015 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dra. Alice Atsuko Matsuda
Prof.(a) Orientador(a)

Prof. Dra. Naira de Almeida Nascimento
Membro titular

Prof. Dra. Edna Polese
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Dedico este trabalho ao meu pai e minha
mãe, que tanto esperaram por esse
momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Alice Atsuko Matsuda, pela contribuição no trabalho em si e pela amizade ao me guiar neste trabalho.

Também agradeço à professora Inês Astreia Marques pela contribuição bibliográfica.

Aos meus alunos e amigos – Ivanilda e Daniel – que me inspiraram no tema e, por fim, às pessoas que contribuíram emocionalmente no período de realização desta pesquisa.

Enquanto existir arte, os quadrinhos
existirão. (CIRNE, Moacy, 2000)

RESUMO

BOCCA, Sofia. **Turma da Mônica: caráter utilitário ou estético?**. 2015. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

Embora sejam frequentemente consideradas sublitteratura, as Histórias em Quadrinhos abordam questões filosóficas, linguísticas, artísticas, ecológicas, científicas, comportamentais, entre outras, além de serem uma forma de entretenimento e apresentarem uma linguagem de fácil compreensão, seduzindo os leitores e proporcionando-lhes uma leitura prazerosa. A Literatura Infantil, da qual as HQs fazem parte, não foi considerada arte por muito tempo devido a sua origem com intuito pedagogizante, em virtude de seu caráter utilitário – presente desde seu surgimento até hoje. No entanto, apesar de seu desprestígio, é com ela que se forma leitores. Reconhecendo a importância da mesma, esse Trabalho de Conclusão de Curso pretende mostrar que, apesar de ser uma leitura aparentemente despreocupada, as HQs podem objetivar muito mais do que a simples leitura por prazer. O trabalho está embasado, principalmente, nas obras de Zilberman, Cademartori e Perrotti, referentes à Literatura destinada ao público infantil e aos conceitos de discurso utilitário e estético. Por meio da análise da abordagem dos temas apresentados nos gibis da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, desde sua criação até os dias de hoje, foi possível entender que seu discurso não tem caráter utilitário ou estético, simplesmente, mas que Mauricio de Sousa se utiliza do que nomeamos de um “utilitarismo às escuras” ao criar suas histórias. Por fim, é sugerido um possível trabalho com os quadrinhos em sala de aula, seguindo o Método Recepcional.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. História em quadrinhos. Turma da Mônica. Estético. Utilitarismo.

ABSTRACT

BOCCA, Sofia. *Turma da Mônica: utilitarian or aesthetic discourse?*. 2015. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2015.

Although they are often considered subliterate, the Comics deal with philosophical, linguistic, artistic, ecological, scientific, and behavioral matters, among others, in addition to being a form of entertainment and also present an easy-to-understand language, enticing readers and providing them with a pleasant reading. The Children's Literature, of which the comics are part, was not considered art for a long time due to its origin with educational intention, because of its utilitarian character - since its inception until today. However, despite its lack of prestige, readers are formed with it. Recognizing its importance, this work intends to show that, despite being an apparently carefree reading, the comics can aim much more than simply reading for pleasure. The work is grounded primarily in the works of Zilberman, Cademartori and Perrotti, referring to literature for children and to the concepts of utilitarianism and aesthetic discourse. Through the analysis of the approach of the topics presented in the *Turma da Monica* comic books, by Mauricio de Sousa, since its creation to the present day, it was possible to understand that its discourse is not simply utilitarian or aesthetic, but that Mauricio de Sousa makes use of what we named as "utilitarianism in the dark" when creating his stories. Finally, a possible activity with the comics in the classroom is suggested, following the Reception Method.

Keywords: Children's literature. Comics. *Turma da Mônica*. Aesthetic. Utilitarianism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Turma da Mônica</i> na versão <i>Mangá</i>	23
Figura 2 - Tirinha de estreia da personagem Mônica	41
Figura 3 - Mônica nos quadrinhos do Cebolinha	42
Figura 4 - Exemplo de discurso utilitário.....	43
Figura 5 - Exemplo de uso da linguagem criativa.....	50
Figura 6 - Língua sendo mal compreendida.....	50
Figura 7 - Representação do sentido conotativo e denotativo.....	51
Figura 8 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas	53
Figura 9 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas	53
Figura 10 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas	54
Figura 11- Criação estética	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 UM POUCO SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	14
1.1 DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E PRECONCEITO	14
1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHO NO BRASIL	19
1.3 TURMA DA MÔNICA	21
2 LITERATURA INFANTOJUVENIL	24
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA.....	24
2.2 A TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL	25
2.2.1 Antes de chegar no Brasil	26
2.2.2 Inserindo-se no Brasil	27
2.3 CONCEITUAÇÃO DOS DISCURSOS	28
3 A IMPORTÂNCIA DOS QUADRINHOS (NA ESCOLA) PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	32
3.1 HQ NA ESCOLA	34
3.2 MÉTODO RECEPCIONAL.....	37
4 TURMA DA MÔNICA: ESTÉTICO OU UTILITÁRIO?	40
4.1 ANÁLISE DOS GIBIS.....	40
4.2 APRECIÇÕES GERAIS.....	52
4.3 UTILITÁRIO ÀS ESCURAS	55
4.4 PROPOSTA DE ATIVIDADE	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXO A – Lista dos títulos que foram analisados nessa monografia.....	64
ANEXO B – Material utilizado na proposta de atividade.....	66

INTRODUÇÃO

A sociedade letrada em que vivemos nos exige a expressão por meio do uso das palavras, uma vez que a maioria das ações humanas é acompanhada pela linguagem verbal em sua modalidade escrita – jornal, literatura, tela do computador, *videogames*, publicidades, informações de circulação, entre outros. Por meio dela, nos expandimos dos limites de tempo e espaço. Dessa forma, a literatura representa um excelente exemplo de exercício do uso da linguagem, da palavra e da escrita.

A Literatura, principalmente a Infantil – pois é com ela que muitas vezes se forma um leitor adulto –, serve como agente de formação da consciência de mundo das crianças e jovens, tornando-os, assim, cidadãos críticos e ativos em sua sociedade, pois estimula o exercício da imaginação e da reflexão, a percepção do mundo e de si mesmo, além de ampliar o conhecimento da língua, aumentando a capacidade de expressão verbal. Em suma, a Literatura tem a tarefa de servir como instrumento de prazer, informação e formação.

No entanto, os livros infantis se defrontam com um problema em especial: o modo como são trabalhados no ambiente escolar; são frequentemente utilizados como leitura obrigatória e como pretexto utilitário, informativo e pedagógico – o professor utiliza o texto para transmitir valores, normas de obediência e bom comportamento, prescindindo do que poderia ser sua grande contribuição na formação do leitor, a experiência estética. Esse problema, na realidade, tem princípio anterior à chegada dos livros às mãos do professor. O próprio autor, adulto, tem uma finalidade ao escrever seu livro, pondo, assim, seu olhar e suas intenções no texto; além da linguagem, que apresenta uma redação ou estilo demasiadamente complexos, ou altamente simplistas, resultando na assimetria entre adulto e criança. Suspeitamos que por esses motivos, desde que foi criada até os dias de hoje, a literatura infantojuvenil tem sido muitas vezes mal vista – devido ao seu caráter utilitário, cujo discurso se organiza para agir pragmaticamente sobre o leitor.

Para que o livro seja bem aceito pelas crianças, ele deve estimular a curiosidade e criatividade, divertir e também informar, construindo a criticidade no leitor e reformulando seu pensamento. Dessa forma, cabe ao educador oferecer diversos gêneros textuais para o leitor, a fim de que ele tenha não só prazer na

leitura, mas que também construa conhecimentos, assimile novas informações e, por elas experimente novas emoções.

Um gênero literário altamente popular entre o público infantil é a história em quadrinhos. Além de despertar o interesse e o prazer das crianças, essas são muito válidas como processo de leitura a esse público, pois atendem à predisposição psicológica dos pequenos leitores. No entanto, os quadrinhos ainda são vistos com muito preconceito, ora considerados “coisa de criança”, ora subliteratura, ou, simplesmente, nem considerados dignos de discussão. Porém, como indaga Zilda Anselmo: “Não seria assunto sério aquele que as pesquisas predominantemente europeias e americanas citam com cifras assustadoras de consumo?” (ANSELMO, 1975, p. 19).

Além disso, as histórias em quadrinhos expressam diversas questões filosóficas, artísticas, ecológicas, científicas, entre outras, sendo capazes, assim, de instruir, informar e influenciar, além de serem uma forma de entretenimento, seduzindo os leitores e proporcionando-lhes uma leitura prazerosa.

Nelly Novaes Coelho (1997) apresenta uma citação retirada de *Mônica no MASP* de outubro/1979, afirmando que os desenhos de Mauricio de Sousa são simples, bem como seus personagens, cujas vidas são retratadas no dia a dia – comem, dormem, tem emoções –, além de a linguagem ser popular e sua filosofia ser divertir, entreter e transmitir mensagens otimistas.

Pois bem, com esse trabalho, pretendemos analisar os gibis da *Turma da Mônica*, desde sua origem até os dias atuais, destacando, no contexto de criação, as diferentes abordagens temáticas, verificando sua constituição estética na criação do texto, e identificando a presença do discurso utilitário ou estético. Como antecipado acima, a questão do utilitarismo na literatura infantojuvenil é pertinente, pois vem sendo discutida e criticada desde seu surgimento e, uma vez que por meio dos gibis é possível formar leitores, sua análise se mostra importante. Por fim, propomos um trabalho com os gibis em sala de aula, seguindo o Método Recepional, que visa formar leitores críticos e cidadãos ativos.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta informações sobre o gênero objeto de pesquisa, as histórias em quadrinhos. As obras de Roberto Elísio dos Santos *Para reler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQs* (2002) e *Desvendando os quadrinhos – história, criação,*

desenho, animação, roteiro de Scott McCloud (2005), foram utilizadas como base para entender a constituição dos quadrinhos. Em relação às HQs no âmbito nacional, foi instrumentalizada a obra do grande pesquisador voltado ao tema, Moacyr Cirne - *Quadrinhos, Sedução e Paixão* (2000), que aborda criticamente o mundo temático das histórias em quadrinhos além de questões sobre literatura e ensino, bem como *Histórias em quadrinhos*, de Zilda Augusta Anselmo (1975).

O segundo capítulo constitui uma breve trajetória e caracterização da literatura infantojuvenil, desde sua criação até sua concepção nos dias atuais. Ainda, são explorados os conceitos de literatura utilitária e estética. Para tanto, foi feita a leitura de Nelly Novaes Coelho, *Literatura Infantil – teoria, análise, didática* (1997). Além dela, Zilberman e Lajolo e Zilberman e Magalhães com, respectivamente, *Literatura infantil brasileira – Histórias e Histórias* (1999) e *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* (1987), abordam a Literatura Infantil sob os aspectos de seu discurso. Também para analisar os conceitos de discurso estético e discurso utilitário, foi utilizada a obra de Edmir Perrotti – *O texto sedutor na literatura infantil* (1986). A fim de se demonstrar a importância da literatura na formação do homem, são abordadas as funções exercidas pela literatura, e essa vista como um direito de todo cidadão, apontadas pelo teórico Antonio Candido (1995).

No terceiro capítulo, são tratados os temas da formação dos leitores e a importância de se pensar nos quadrinhos na escola. Serviu de base teórica *A literatura em quadrinhos formando leitores hoje*, da apaixonada por gibis, Patrícia Kátia da Costa Pina (2014). Também, a tese de doutorado de Altair Pivovar (2007) intitulada *Escola e histórias em quadrinhos: O agôn discursivo*, cujo objetivo é mostrar como os diversos gêneros relacionados aos quadrinhos são aceitos pelos leitores e como são introduzidos no ensino, em forma de material de apoio. A tese, além de oferecer dados sobre as histórias em quadrinhos, defende o trabalho com o gênero em sala de aula – que também é a proposta final da presente monografia. Uma vez que a atividade proposta nesse trabalho se desenvolve de acordo com o Método Recepcional, o trabalho de Bordini e Aguar (1993) será apontado. Ainda sobre as HQs no ensino, foi utilizada a obra *História em quadrinhos na escola* de Flávio Calazans (2005), apresentando brevemente a história das HQs como recurso didático e apresentando ideias do uso da mesma em sala de aula.

Para o quarto capítulo, foi reservada a análise de 50 gibis da *Turma da Mônica*, desde 1960 até 2014, em relação à abordagem de suas temáticas para que sejam relacionados aos conceitos de utilitário ou estético. Essa análise trouxe resultados ao questionamento que propomos, o de dirimir se a *Turma da Mônica* tem caráter Estético ou Utilitário. Por meio dessa análise, foi possível auferir que seu discurso não tem caráter simplesmente utilitário ou estético, mas que o autor se utiliza do que nomeamos de “utilitarismo às escuras”. Além disso, é feita uma proposta de atividade de orientação estética se utilizando dos gibis da *Turma*, embasada no Método Receptivo.

Por fim, são apresentadas as Considerações Finais com um parecer do trabalho como um todo.

1 UM POUCO SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Esse capítulo está subdividido em três sessões, indo de uma abordagem mais abrangente – a conceituação, caracterização e preconceito sofrido pelas histórias em quadrinhos (doravante HQs) –, convergindo para as mesmas no Brasil e finalizando com as histórias da *Turma da Mônica*.

Com o intuito de caracterizar as histórias em quadrinhos, Cirne (2000) aponta que:

As histórias-em-quadrinhos, com mais de um século de existência, sempre se marcaram por uma textualidade gráfico-visual, determinada por mecanismos narrativos impulsionados pelos cortes que, como já vimos, são igualmente gráficos: cortes que, em última instância, em sendo espaciais e/ou temporais, preenchem e alimentam o imaginário da própria narrativa (CIRNE, 2000, p. 174)

Assim, as imagens, os cortes, os desenhos, os quadrinhos, que parecem ser fragmentados, são na verdade conectados, recebendo sentido por meio da imaginação do leitor. E é justamente nisso que reside a magia da leitura de HQs.

Se a literatura infantojuvenil já é popularmente considerada subliteratura, o preconceito com os quadrinhos é ainda maior, sendo frequentemente considerados *cultura de massa* – que não visa fins de ensino, educação ou treinamento, mas divertimento –, além de serem vistos como “coisa de criança”. Devido ao preconceito com as histórias em quadrinhos, seus autores não são considerados escritores, mas ilustradores, artistas comerciais ou cartunistas.

A fim de mostrar que quadrinho é “coisa de adulto”, Scott McCloud (2005) escreve estrategicamente sobre as HQs em forma de quadrinhos, demonstrando que até temas teóricos podem ser escritos dessa forma sem perder a credibilidade – ao contrário, facilitando a leitura.

1.1 DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E PRECONCEITO

Surgida há mais de cem anos, a história em quadrinhos moderna ainda é subestimada devido a preconceitos academicistas. No entanto, além do deslumbramento artístico, ela permite que seus autores desenvolvam questões diversificadas – filosóficas, políticas, religiosas, artísticas, científicas, ambientais,

comportamentais, etc. Além disso, devido à sua linguagem – que pode ser simples e muitas vezes o é, no caso de ser direcionada ao público infantil –, a leitura é facilitada e não encontra resistência, sendo, assim, também, fonte de entretenimento e prazer. Coelho (1997) reforçando essa ideia, apontando que

o interesse maior que os pequenos demonstram pelos livros ilustrados ou, mais ainda, pelas estórias-em-quadrinho, está na facilidade com que esse tipo de literatura “fala” à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou necessidades específicas da criança. (COELHO, 1997, p. 194)

Diversas e controversas são as definições de HQ. A grosso modo, história em quadrinhos é uma narrativa gráfico-visual, é a história com imagens, apresentada em sequência.

Em *Desvendando os quadrinhos*, Scott McCloud (2005) aponta a semelhança dos quadrinhos com os hieróglifos egípcios, por serem uma arte sequencial, bem como as fotonovelas, as pinturas em série, os manuais de instrução, os vitrais de igrejas, entre outros, que podem ser considerados “quadrinhos” quando se usa a definição *arte sequencial*. Santos (2002) aponta para uma diferença relevante entre os quadrinhos e essas outras artes – o fato de que, além de serem arte em sequência, que narra uma história, é um produto cultural e comercial, o que implica reprodutibilidade e periodicidade, permitindo uma diferenciação das outras não impressas.

A maioria dos quadrinhos modernos combina textos e figuras – “Palavras, imagens e outros ícones são o vocabulário da linguagem chamada história em quadrinhos” (McCLOUD, 2005, p. 47).

“Da folha limpa a ser preenchida por traços e palavras podem saltar questionamentos, ser reforçados preconceitos, transmitidas ideias, veiculados sentimentos e, principalmente, também ser oferecido entretenimento (...)” (SANTOS, 2002, p. 12). Com essas palavras, Roberto Elísio dos Santos demonstra a complexidade dos quadrinhos. Ainda acrescenta que a análise dos quadrinhos deve sempre levar em consideração a condição histórico-cultural de produção. Além disso, deve-se lembrar de como os quadrinhos são vistos do ponto de vista cultural. Na Europa, por exemplo, são tratados como a “nona arte”, recebendo atenção e respeito como qualquer outra arte de qualidade; nos Estados Unidos, eles representam um produto comercial, importando o lucro; já no Brasil, são apenas

distração para o público leitor, os quadrinistas dificilmente tem reconhecimento, e sofrem desprestígio pela academia.

Em relação à estrutura dos quadrinhos, há códigos necessários para a integração dos signos – imagem e texto. Dentre os elementos que os constituem há, por exemplo, a *sarjeta* – o espaço entre quadrinhos –, que é responsável por grande parte da magia que existe na essência dos quadrinhos, sendo onde a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia, cuja função é deixar o público usar a imaginação e tirar sua própria conclusão – e isso é, justamente, o que atrai as crianças: a possibilidade de usar a imaginação preenchendo vazios.

Outro elemento é a *vinheta*, que mostra um único momento no tempo e, entre esses momentos congelados, entre os quadros, nossa mente os preenche, criando a ilusão de tempo e movimento – que podem ser controlados pelo conteúdo, número e forma dos quadros. No entorno da vinheta, apresenta-se o *requadro*, que funciona como uma moldura, cujo formato e traçado são elementos significativos da história, integrando-se à narrativa.

Outros componentes são as *linhas cinéticas*, que são as linhas que dão movimento aos personagens e objetos em ação; o *som* - que se divide em dois subconjuntos: *balões de fala ou pensamento* (com palavras), cujas linhas e formas também representam significados, e *onomatopéias* (ruídos representados por meio de palavras); a *metáfora visual*, que faz uso de símbolos para representar fenômenos visíveis ou invisíveis (cheiro, por exemplo), além de indicadores de emoção visuais (por exemplo a gota de suor). Ainda há o *recordatório*, que nada mais é que um texto, inserido na vinheta, sintetizando acontecimentos. Além disso, faz-se, muitas vezes, o uso de cores – uma vez que o mundo é colorido, os quadrinhos com cores se tornam mais reais e atraentes. Quanto aos desenhos, os quadrinhos podem ser realistas, grotescos, barrocos, modernos, clássicos, etc.

Todos esses elementos compõem o campo da linguagem, que não reside apenas no balão de fala ou legenda, mas em todos esses elementos juntos resultando no modo narrativo visual característico das HQs. Elas nem sempre precisam de falas, de palavras, já que um código fala por si só (por exemplo uma lâmpada, uma caveira, um ponto de interrogação), além das onomatopéias, que dão conta do efeito sonoro. Moacy Cirne (2000) nos dá exemplos de histórias em

quadrinhos – como a de *Ken Parker* (de Giancarlo Berardi & Ivo Milazzo – 1984), em *Os Cervos*, que não possui falas nem palavras, apenas imagens. Sendo, então, uma história que nos incita a imaginação, nos comove, unicamente com suas imagens.

Essas características são muito admiradas por atingirem seus objetivos na criatividade e compreensão do leitor – tornando possível uma universalidade de sentido, já que um quadrinho sem falas pode ser compreendido universalmente, não limitando seu público –, porém criticadas por outros que as consideram brutais ou simplistas e infantis.

O uso de muita ilustração nos livros infantis – característica marcante dos gibis –, gera, além de preconceitos infundados, a falsa ideia de que o material deixa de ser literatura. Melo (2013, p.55-56) o defende alegando que palavras e imagens “são constituídas da mesma maneira e geram possibilidades narrativas, uma e outra”. Sendo assim, o livro é “feito do diálogo entre texto verbal-visual e o leitor”, principalmente para a criança, que é tão visual quando verbal. Uma boa ilustração “gera uma leitura tão poderosa quanto a leitura da palavra”. Em suma, o uso de ilustrações não interfere, negativamente, na qualidade da obra literária, muito menos a faz deixar de ser literatura, ao contrário, colabora, já que a imagem gera leituras grandiosas e prazerosas às crianças, e não só elas. Portanto, a história em quadrinhos não deixa de ser um dos gêneros presentes no grande grupo da literatura infantil devido ao uso de imagens.

Moacy Cirne, ao abordar o preconceito artístico e cultural contra as HQs, critica uma classificação equivocada dos quadrinhos como “para-literatura”. Os quadrinhos brasileiros estão incorporados na cultura brasileira, e não só nela, e merecem o respeito que qualquer tipo de (boa) arte merece. Os quadrinhos unem conteúdo e forma e despertam a sedução do leitor. Assim sendo, já merecem consideração. McCloud (2005) também retrata tal preconceito ao citar que

o raciocínio tradicional há muito tempo tem sustentado que obras de arte e literatura só são realmente boas quando mantidas a uma certa distância uma da outra. Palavras e figuras juntas são consideradas, na melhor das hipóteses, uma diversão pras massas; na pior das hipóteses, um produto do comercialismo crasso. (2005, p. 140)

A fim de defender as HQs, McCloud (2005, p. 162) afirma: “História em quadrinhos é uma das inúmeras formas de auto expressão disponíveis para nós”. Ainda,

História em quadrinhos é um grande ato de equilíbrio. Uma arte tão subtrativa quanto aditiva – e uma fantástica combinação de tempo e espaço. Em nenhum lugar, o equilíbrio entre visível e invisível é mais evidente do que nas imagens e palavras. (McCLOUD, 2005, p. 206).

Um dos grandes problemas levantados contra os quadrinhos é o de que eles desestimulam o gosto pela literatura “séria”, já que essa literatura “simplificada” das imagens facilitaria a leitura dos pequenos leitores, desencorajando-os para a literatura adulta. O que é, obviamente, algo completamente questionável.

Outro ponto seria a influência dos quadrinhos que apresentam violência nos pequenos leitores. Se tomarmos essa ideia como verdade, devemos considerar que os gibis que apresentam histórias de amor e conscientização também os influenciarão, sendo assim, um gibi adequado, bem escolhido por adultos responsáveis, seria um apoio na formação cívica dos jovens. Certamente, hoje em dia, encontramos meios muito mais influenciadores que um gibi, como os filmes, por exemplo, e nos deparamos com a violência em qualquer outro lugar.

Acredito que, atualmente, não estamos mais falando de preconceito propriamente dito, mas de desprestígio dos quadrinhos, que vem desde a academia, até as pessoas próximas dos leitores de quadrinhos. Se considerarmos que os quadrinhos são lidos por uma grande maioria de leitores – desde os mais novos, até os mais velhos – e por um grande período de tempo – desde a infância até a velhice –, sua leitura independe da faixa etária, social e econômica. Isso nos mostra que, infelizmente, apesar de abrirem portas para o universo da literatura, são as leituras consideradas adultas que recebem maior atenção.

Ainda em ralação a esse desmerecimento da literatura infantil, Oliveira (2013, p.17) tece a interessante observação de que “a fronteira entre a literatura infantil e a literatura dita adulta não é de natureza estética, e sim de natureza contratual. As duas modalidades se enquadram em contratos de comunicação diferentes”. Isso significa que há diferenças discursivas entre os livros produzidos para crianças e os escritos para adultos, e isso é algo natural – cada gênero possui características próprias. Assim sendo, não se deve aplicar os conceitos de avaliação de um no outro. É justamente essa prática errônea que faz com que a literatura infantojuvenil seja considerada “menor” que a literatura adulta.

1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHO NO BRASIL

Para retratar as origens das HQs, é necessário voltar à pré-história e considerar desde os desenhos nas cavernas, os hieroglifos egípcios, ou ainda a tábua Protat com (similar) balão de fala de um centurião romano. Ou ainda, se os quadrinhos como os conhecemos hoje são obra norte americana, ou se sua origem se deu na Europa. No entanto, seria trabalho extenso que não vem ao caso no momento, já que o foco nesse trabalho é a HQ no Brasil.

Pois bem, as histórias em quadrinhos existem com diversas denominações, dependendo do local; no Brasil a conhecemos como Gibi.

Temos como data de surgimento no país, o dia 30 de janeiro de 1869 – data da primeira publicação do personagem *Nhô Quim*, de Ângelo Agostini, na revista *Vida Fluminense*. Agostini foi famoso pelas críticas ao regime político e aos hábitos da época, por meio de seus quadrinhos.

Porém, até então, o que se fazia era tradução dos quadrinhos estrangeiros. A tradição de revistas em quadrinhos no país teve início com *O Tico-Tico* em 1905, cujos personagens eram adaptações de outros estrangeiros. A partir de então, desenhistas brasileiros passaram a criar seus próprios personagens e histórias. Em 1934, foi lançado o *Suplemento Juvenil*, trazendo tanto personagens estrangeiros, como criações nacionais. O *Globo Juvenil* também exerceu semelhante função algum tempo depois. Devido ao êxito dessas, os editores lançaram *Mirim*, *Gibi*, *Gibi Mensal*, *Globo Juvenil Mensal*, todas com histórias completas, nos padrões americanos, popularizando, assim, o termo “Gibi” para as histórias em quadrinhos. Em 1937, foi publicada *A Garra Cinzenta*, criada por brasileiros e bem sucedida nacional e internacionalmente. Muitas outras publicações foram realizadas, dentre elas, uma de grande importância, *O Pererê*, de Ziraldo, em 1960. Com seus elementos tipicamente brasileiros e discurso nacionalista, proporcionou uma tomada de consciência nacional.

Muitos foram os desenhistas e autores brasileiros que reproduziram, imitaram e criaram, porém, a situação econômica-financeira do país não ajudava, evitando, assim, o desenvolvimento da HQ no país. O costume passou a ser quadrinizar romances brasileiros, e isso foi feito tanto por quadrinistas brasileiros como estrangeiros que moravam no Brasil.

Mauricio de Sousa entrou em cena a partir de 1961, publicando suas histórias com a distribuidora Mauricio de Sousa Promoções Ltda. Em 70, com a Editora Abril, sua obra assumiu formato de revista, e foi lançada a *Mônica* com todos seus personagens.

Como material didático, diversos quadrinhos foram lançados, pela EBAL (Editora Brasil-América), desde a década de 1950, a citar, a *Edição maravilhosa* e *Grandes figuras*, que contavam com biografias cívicas e fatos históricos da história do Brasil, *A guerra holandesa*, em 1942, *Getúlio Vargas para crianças*, além de adaptações de clássicos da literatura. Essas adaptações em forma de quadrinhos foram publicadas por interesse do mercado editorial, que não queria perder público – e lucro – já que os quadrinhos estavam sendo tão criticados e poderiam ser banidos. Assim, eles se pareciam mais com versões ilustradas dos originais, pois prevaleciam os textos, já que, devido ao preconceito, os criadores não queriam arriscar.

Na década de 60, foi publicado o gibi *Tonico e Petrolino*, que visava o ensinamento sobre o petróleo e *Os três mosqueteiros*, que ensinava a evitar a proliferação de mosquitos. Entre as décadas de 80 e 90, foram publicados gibis que tratavam dos direitos trabalhistas, de temas religiosos, reforma agrária, higiene, temas jurídicos, lendas regionalistas, ditadura, uso de agências bancárias, primeiros socorros, turismo ecológico, segurança no trânsito, o convívio com deficientes físicos, perigos das queimadas, como evitar enchentes, doação de agasalhos, convivências em comunidade, como usar preservativos, o combate à depredação dos bens públicos, e até mesmo o surpreendente tema de como depredar um ônibus sem ser pego pela polícia.

Apesar do golpe militar de direita e sua censura em 1964, jornalistas, intelectuais e quadrinistas como Ziraldo e Henfil publicaram um jornal de resistência à situação política vigente – *O Pasquim*. Vimos, então, mais um momento de satirização da política.

A partir da década de 80, com a abertura democrática, surgem abordagens de temas cotidianos. Dentre os grandes nomes, destacam-se Angeli, Laerte, Glauco e Adão, todos presentes no mercado com suas tiras até hoje.

1.3 TURMA DA MÔNICA

Pelo fato de a *Turma da Mônica* apresentar diferentes personagens, todo leitor pode se identificar com alguns deles: a comilona, o porcalhão, a briguenta, o que fala errado, o caipira, o índio, entre muitos outros. Esse pode ser o motivo pelo qual tal coleção seja a mais popular entre as crianças e adolescentes brasileiros. A seguinte declaração de McCloud (2005) vai ao encontro da hipótese acima,

Todo criador sabe que um indicador infalível de envolvimento do público é o grau em que este se identifica com os personagens da história. E já que a identificação do espectador é uma especialidade do cartum, este tem penetrado com facilidade na cultura popular do mundo. (McCLOUD, 2005, p. 42)

Em *Quadrinhos, sedução e paixão*, Moacy Cirne (2000) aborda o tema “Cânone dos Quadrinhos”. Em uma de suas pesquisas, que ele afirma ter sido realizada apenas com grandes leitores de quadrinhos, consta a *Mônica*, de Mauricio de Sousa, sendo considerada um verdadeiro “clássico” nacional, um “cânone” da categoria.

Anselmo (1975) aponta para a variedade de personagens existentes em diversos aspectos, representando a realidade de diversas formas, o que estimula para todos os gostos e preferências de consumidores de quadrinhos. Essa diversidade nos personagens é bastante explícita na *Turma*. Vemos personagens de idades, contextos, épocas e etnias muito variadas, representando histórias sobre a família, crianças, vida cotidiana, vida urbana e rural, dentre outros temas.

Mauricio de Sousa produziu inicialmente o cachorro *Bidu*, que ganhou sua revista própria em 1960. Devido ao êxito dessa, resolveu criar outros personagens. No mesmo ano, deu vida ao *Cebolinha* e, no ano seguinte, ao *Cascão*. Em 63, surgem a *Mônica* e a *Magali*. Os dois primeiros foram inspirados em amigos de infância do quadrinista, e as duas últimas em suas filhas. Durante os anos 60, a personagem Mônica foi publicada em tiras de jornal e nas histórias do *Cebolinha*. A partir da década de 70, ganhou sua própria revista. Os personagens foram publicados, de 1970 a 1986, pela Editora Abril com o título inicial “Mônica e sua Turma”. De 1987 a 2006, os gibis foram publicados pela Editora Globo, e a partir de então, até os dias de hoje, pela Panini Comics.

A trama principal da *Turma da Mônica* é simples – os meninos executam planos para tirar o coelhinho de pelúcia da *Mônica* e ganhar a liderança da turma. No decorrer da história, cada personagem apresenta suas características: a *Mônica* é briguenta, a *Magali* é comilona, o *Cascão* tem medo de água e o *Cebolinha* troca as letras “r” e “l”. As histórias ocorrem no fictício *Bairro do Limoeiro*.

Além desses quatro personagens, ainda foram criados para as revistas da *Turma da Mônica*: o Anjinho, o cachorro Bidu, Nimbus, Do Contra, a desenhista Marina, o gato Mingau, o coelhinho de pelúcia Sansão, o Louco, o mudo Humberto, o Capitão Feio, a Cascuda, o misterioso animal Floquinho, o cão Monicão, o Chovinista, o cadeirante Lucas, Aninha, Dorinha, Xaveco, Maria Cebolinha, Dudu, Quinzinho, Titi, Professor Spada, Doutor Spam, Denise, Jeremias, Tevelusão, Manezinho, Seu Juca, Bloguinho, Xabeu Lorota, Radar, Tia Nena. Para as revistas do *Chico Bento*: o caipira Chico Bento, Dona Marocas, Zé Lelé, Rosinha, Hiro, Nhô Lau, Primo Zeca e Zé da Roça. Como personagens da revista do *Horácio*: o dinossauro Horácio, Brontossauro, Estego, Lucinda, Alfredo, Simone e Tecodonte. Atuando nas histórias do *Penadinho*: o fantasma Penadinho, Zé Vampir, Dona Morte, Lobi, Frank, Cranicola, Pixuquinha, Muminho e Alminha. Para as de *Piteco*: Piteco e Thuga. Representando a *turma da mata*: o elefante Jotalhão, Tarugo, Rei Leonino, Raposão e Luis Caxeiro. Para as tramas mais adolescentes da *Tina*: Tina, Pipa, Rolo, Zecão, Guto, Rita, Julius e Rúbia. Ainda tem outros personagens como: o Astronauta, Boa Bola, Bugu, Cafuné, Duque, Jurema, Manfredo, Neymar Jr., Nico Demo, Niquinho, o índio Papa-Capim, Pelezinho, Rufios e Zé Esquecido.

Os quadrinhos fazem tanto sucesso nacional e internacionalmente, que também ganharam suas versões disponíveis em inglês, espanhol e italiano, além de sua versão em estilo japonês denominado *Mangá*.



Figura 1 - Turma da Mônica na versão Mangá

Fonte: <http://www.quadrinhosnasarjeta.com/search/label/Turma%20da%20M%C3%B4nica>.

Acesso em 05 dez. 2014

Além dos quadrinhos e tirinhas destinados às crianças, Mauricio de Sousa criou, em 2008, a *Turma Jovem* para seu público adolescente, na qual os personagens, que antes eram crianças, estão crescidos e vivem tramas adolescentes.

O sucesso da Turma da Mônica é tanto que se difundiu para outras mídias, como filmes, jogos, livros, brinquedos e ganhou até parques de diversões localizados nas cidades de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, mas que, infelizmente, já foram desativados.

2 LITERATURA INFANTOJUVENIL

Como já foi dito, a literatura destinada ao público infantojuvenil ainda é vista com certo preconceito. Neste capítulo, pretendemos explicitar os motivos de tal desprestígio. Para tanto, será feita uma breve apresentação da trajetória da mesma, desde seu início, na Europa, até seu caminho em campo nacional. A fim de entendermos sua evolução, é indispensável tratar dos conceitos de literatura utilitária e estética.

Antes de mais nada, se faz necessário entendermos a importância da literatura, de um modo geral, para que possamos valorizar a criação da mesma para o público infantil. Por fim, veremos como se dá a formação dos leitores e retomaremos a questão principal desse trabalho – a importância de se pensar nos quadrinhos no meio escolar.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Como afirma Rildo Cosson, em *Letramento Literário*, “A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante” (COSSON, 2009, p. 16). Acrescenta que a prática da literatura não tem paralelo em outra atividade humana, sendo algo exclusivo do ser humano e incomparável com quaisquer outras atividades exercidas por nós. Sendo assim, se faz necessário ressaltar a importância da literatura como uma das práticas fundamentais para a constituição do sujeito. Por meio da literatura, podemos obter maior conhecimento sobre nós mesmos e sobre a comunidade a que pertencemos, além de que a ficção literária nos permite viver experiências, que não as nossas próprias, e incorporá-las às nossas.

O teórico Antonio Candido (1995) identifica três funções exercidas pela literatura. A primeira é a chamada função psicológica – a literatura sacia a necessidade de fantasia de todo homem; que também pode ser suprida por outros meios como novelas, músicas, entre outros. A segunda função é a formadora – ao mesmo tempo que a literatura expressa a fantasia, ela tem sua base na realidade, sendo, então, capaz de apresentar fatos reais, fornecendo conhecimentos de mundo ao leitor. A terceira função é a social – por meio da qual o indivíduo reconhece a

sociedade e a cultura em que vive, obtendo conhecimento sobre o mundo e sobre si próprio. As três funções em conjunto se resumem à função principal da literatura, que, para Candido, é a função humanizadora. Em relação a isso, corroborando a afirmação de Candido, “A literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2009, p. 20).

Ainda, Candido (1995) elabora duas categorias – uma dos bens compressíveis e outra dos incompressíveis. Dentre os bens incompressíveis, estão as necessidades básicas, como o alimento, a casa, a roupa. Já os compressíveis, são as coisas extras, luxos, que uma pessoa pode ter em sua vida, mas que não são básicas para sua sobrevivência. O teórico coloca o livro entre os meios compressíveis, considerando a literatura como um bem indispensável para todo ser humano. Vemos aí a supervalorização da leitura, e esse status elevado se dá devido às três funções da literatura já mencionadas por ele.

O autor também afirma que o que falta para que as pessoas leiam uma boa literatura não é interesse, mas é a falta de alcance – a falta de oportunidade e de acesso. Não é a incapacidade de compreensão que mantém a maioria das pessoas longe das boas obras. Tendo em vista que suas funções são indispensáveis para o ser humano, e o entrave é a falta de disponibilização das obras, a literatura precisa ter um lugar especial nas escolas. A prática de uso da literatura como matéria educativa é antiga. No entanto, se faz necessário entender como essa prática ocorre.

A fim de suprir as necessidades de cada grupo, ocorreu uma divisão da literatura de acordo com a faixa etária do leitor – temos, assim, a literatura infantojuvenil e a literatura “adulta”. E é da primeira que trataremos aqui, como se segue.

2.2 A TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Antes de uma abordagem no âmbito nacional, uma breve descrição de como se originou, faz-se necessária.

2.2.1 Antes de chegar no Brasil

As reformas religiosas, descobertas científicas, conquistas marítimas e territoriais, popularização do papel e a invenção da imprensa foram fatores que transformaram a mentalidade e a vida cultural, impondo novas concepções de homem e relações sociais. Nesse contexto foram criadas as escolas e produzidos os livros em série – e seus objetivos eram educar de acordo com o modelo burguês. “Fazendo obrigatório o ensino, as crianças eram retiradas do mercado; porém, era preciso estimular os pais a colocarem os filhos no colégio” (ZILBERMAN; CADEMARTORI, 1987, p. 11) – a criança era vista como um “mini adulto” e passa a frequentar os Colégios a fim de que o Estado pudesse produzir operários capacitados. O material de leitura e estudo dessas crianças tinha fins educacionais, morais e cívicos – ensinavam-se os costumes burgueses. O livro escolar tomou o papel dos pais – que também devem ser reeducados nos padrões burgueses. Obras clássicas, como as de Homero, Shakespeare e Goethe, eram utilizadas para o ensino de língua, de costumes e de moral.

As fábulas e contos de escritores como La Fontaine e Fénelon destinados ao público infantojuvenil, valorizavam a fantasia e a imaginação, no entanto, o texto ainda tinha postura moralizante, e era utilizado como recurso didático, além de veículo de propaganda. Assim, o livro – produto da industrialização – promove a escola e visa o mercado pedagógico. Um gênero que, no século XVIII, perde a popularidade no meio letrado e se torna particularmente direcionado ao público jovem, foi a fábula, já que o adulto desprestigia a doutrinação, a ilustração incorporada ao texto e as histórias com animais. Isso levou a outro motivo de desprestígio da Literatura para crianças, o excesso de fantasia e falta de realismo, resultando na falta de verossimilhança nas histórias, que ocorria para que essas pudessem cumprir com as exigências pedagógicas.

No século XIX, com o advento de uma nova concepção de família e o surgimento do conceito de infância, as crianças passaram a ser valorizadas, emergindo, assim, uma Literatura Infantil que valorizava o folclore, a fantasia, o sonho, o mágico e a emoção acima da intenção pedagógica. É nesse contexto que os Irmãos Grimm (1785-1863/1786-1859), Collodi (1826-1890), Lewis Carrol (1832-1889) e Andersen (1805-1875), a citar alguns dos grandes autores, reúnem contos e

narrativas folclóricas com teor mais humanitário. No entanto, esse foi só o início, vagaroso, da criação de literatura de cunho estético para jovens. Sendo apenas no século XX que se iniciam as modificações mais consideráveis.

2.2.2 Inserindo-se no Brasil

No âmbito nacional, os livros para crianças começaram a ser publicados em 1808 e a partir de então, o gênero literário infantil começou a evoluir para atender aos interesses do público infantil. No entanto, esse processo foi lento. No início, toda obra era importada de Portugal e também, como na Europa, os jovens liam textos “adultos”, além de traduções ou adaptações dos autores já citados que produziam obras infantis. Além disso, esses textos tinham concepção utilitária – moral e cívica. Assim foi iniciada a primeira fase da literatura infantil brasileira, que foi de 1890 a 1920. Com a mudança do regime político, sendo adotada a República, em 1889, ocorreu a possibilidade de modernização do país, ocorrendo ainda, nas décadas posteriores, a industrialização e a reforma no ensino.

A literatura destinada ao público infantojuvenil não teve um aparecimento espontâneo, mas induzido pelos interesses do Estado. Tinha, então, função alfabetizadora e moralizante. Além disso, ainda eram predominantes as traduções das histórias estrangeiras e quase tudo que era produzido no Brasil tinha perfil didático, de orientação educativa política e religiosa. Nessa época, entre 1920 e 1945, houve um momento de fertilidade literária, pela profissionalização dos autores, especialização das editoras e escritores e expansão do mercado. Porém, tentava se adequar aos padrões internacionais; diferente da literatura adulta, que tentava afirmar sua identidade. Um caso a parte foi o de Monteiro Lobato, em 1920, cujo trabalho não tinha fins pedagógicos; era inovador, diferente de tudo que era produzido na época. No entanto, por estar sozinho, o novo estilo de produção literária não ganhou adeptos, se restringindo apenas a esse autor. Apesar de ter passado por algumas inovações que visavam desenvolver o caráter crítico e questionador do leitor, a literatura para jovens ainda continuava sem autonomia e legitimação artística.

Em sua fase seguinte, que foi de 1945 a 1965, a literatura infantil passou a copiar os caminhos da cultura de massa, já que essa correspondia ao padrão de

qualidade da época – determinado pela cultura norte americana. Os temas recorrentes nos textos para jovens eram a representação do mundo rural como um lugar de lazer para as crianças, os índios como seres que deveriam ser civilizados e a retratação de problemas sociais, o que acabou por aumentar preconceitos do grupo dominante. Apesar de o gênero já estar consolidado, e refletir a modernização social do país, o discurso ainda se pautava no utilitarismo, centrando-se na exibição de crianças exemplares, com atitudes ideais. Um caso a parte nessa época foi Jeronymo Monteiro, com obras como *Bumba, o boneco que quis virar gente* (1955) e *Corumi, o menino selvagem* (1956), que iam de encontro às produções vigentes.

A partir da década de 70, o governo passou a editar livros infantis e juvenis para as escolas, a fim de solucionar o problema do baixo nível de leitura. Assim, surgiram mais livrarias especializadas, mais autores e ilustradores. Passou a valorizar a linguagem oral coloquial, a abordar temas realistas e urbanos, fundindo o social e o individual, retratando personagens infantis que passam por crises, problemas sociais, deixando de lado o didatismo do politicamente correto, abrindo espaço para a participação do leitor na interpretação da obra. Os escritores passaram a se comprometer principalmente com a Arte, deixando a Pedagogia para trás. Um dos grandes representantes dessa nova forma de escrever para os pequenos, foi João Carlos Marinho, que elevou o discurso à condição artística. Perotti (1986, p. 21) o contempla, “(...) *O caneco de prata*, dadas suas características e o momento em que surgiu, pode ser tomado como um verdadeiro divisor de águas (...)”.

A partir de então, surgiram obras destinadas às crianças e jovens, em diversos gêneros: ficção científica, mistério policial, poesia (modinhas infantis, canções de ninar, brincadeiras de roda), fábula. Essas, visando, com sua linguagem artística, despertar o espírito crítico do leitor. O discurso não foi mais utilizado apenas como instrumento de educação do leitor

2.3 CONCEITUAÇÃO DOS DISCURSOS

Até os anos 70, o que predominava era uma concepção utilitária da literatura infantojuvenil – cujo discurso era articulado em função de sua eficácia junto ao leitor. A partir de então, surge uma geração de escritores que retomou o trabalho

começado por Monteiro Lobato – o de escrever sem um papel moralista ou pedagógico. Manifesta-se, então, em definitivo, a literatura com o compromisso com a arte e não com a pedagogia.

Trata-se, então, do início da decadência da ótica pragmática que predominou na literatura infantojuvenil produzida pela cultura burguesa. Mas, obviamente, a mudança não foi tão simples, já que como sempre é difícil nos acostumarmos com o que é diferente. Com isso, foi produzido o chamado “utilitário às avessas”, em que, apesar de os textos serem contemporâneos com temas sociais atuais, o ensinamento ainda estava presente. Posteriormente, autores como Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Elvira Vigna, Haroldo Bruno e, é claro, João Carlos Marinho Silva, conseguiram superar essa fase, e pudemos nos adentrar no universo estético da literatura infantojuvenil. Ziraldo, com sua fusão da linguagem verbal com as artes gráficas, exemplifica e representa bem o que foi a nova constituição estética do texto.

Passemos agora a uma explicação mais detalhada acerca dos conceitos de “literatura utilitária”, “utilitária às avessas” e “literatura estética”.

A literatura para crianças e jovens serviu como veículo de transmissão de valores já na Antiguidade. Desde os contos de advertência de Perrault, por exemplo, as histórias para crianças estão a serviço do adulto para ensinar as crianças como viverem. Apesar de seus elementos artísticos, as narrativas estão centradas no receptor e visam eficácia de aceitação. O que ocorre com os textos de cunho utilitário é o predomínio da existência da eficácia no texto – esse se organiza para agir sobre o leitor.

O discurso utilitário marca um tipo de relação entre narrador e leitor: a relação de doutrinação, onde o primeiro oferece o mundo acabado ao segundo, que deverá incorporá-lo a seu universo.(...) a linguagem assume-se a si mesma enquanto “verdade”, proclamando-se útil (PERROTTI, 1986, p. 83-84)

Quanto ao discurso em si, esse se fixa no destinatário, o narrador assume papel de professor, o texto se torna a matéria a ser ensinada e aprendida, e o leitor tem o papel de aluno, que deve aprender algo com o que é lido. Assim, os textos se apresentam artificiais, com leituras fechadas, sem significações pluralizadas.

Lembre-se de que a literatura infantojuvenil foi criada pela burguesia com o intuito de, por meio dela, os narradores funcionarem como porta-vozes dessa classe

emergente e dominante, inferiorizando o destinatário e garantindo a propagação ideológica, modelando a sociedade da forma desejada. Dessa forma, a literatura para crianças reduziu-se a instrumento, à propaganda, buscando o didático e tentando convencer o leitor das convicções do autor.

Diferente do discurso utilitário, há existência do poético, ou estético, no texto. Esse tem autonomia, seu discurso está centrado nele mesmo, não direcionado a alguém com algum fim.

(...) é evidente que a 'literatura' pode e deve ser também uma disciplina, e que, sob a forma didática, ofereça manancial para exercícios escolares. Mas a obra de literatura infantil não pode visar a esse objetivo, de modo primacial ou direto. (PERROTTI, 1986, p. 71)

Como lembra Perrotti (1986, p. 30) "(...) a linguagem da arte possui caminhos próprios que não se confundem com o da catequização". Isso implica em escrever sem fins de ensinamento, sendo possível a criação artística, portanto, estética, de um texto. Assim, ressalta-se a tríade autor-obra-público, sendo que os três elementos devem fazer parte do processo de criação de significação da obra lida. A obra está aberta para as significações que serão dadas pelo leitor. As leituras não precisam transmitir conhecimentos, mas cativar os leitores pelo seu estilo e caráter desinteressado.

Produz-se a arte pela arte, e essa não deve ser propaganda, ainda que possa, às vezes, desempenhar um papel semelhante. É um protesto do artista contra o utilitarismo – visto como produção burguesa –, contra a produção de mercadoria.

A arte pode ser engajada, mas seu discurso não deve ser tendencioso, mas aberto. Perrotti (1986, p. 33) ainda lembra que Adorno "reconhece também que a "pureza" absoluta é um utopia". Ou seja, por mais estética que a obra seja, ela não será, principalmente ao se tratar de obras destinadas ao público infantil, completamente desprovida de intenções – o autor vem carregado de experiências e ideologias, que, de uma forma ou de outra, acabam por transparecer implícita ou explicitamente em suas obras.

A literatura é útil e, no entanto, deve ter dinâmica interna, que não deve ser anulada pelos fatores externos (como a eficácia junto ao leitor). Vale lembrar que, como bem ressalta Perrotti, o caráter instrumental está sempre presente no discurso

literário, sendo assim, o discurso estético não é “puro” e sem ideologias, mas que essas são ocasionais e não sua essência.

Entre os discursos utilitário e estético, surge o que foi chamado de utilitário às avessas. Esse foi desenvolvido por autores que contestavam a conduta dos autores utilitários. Na verdade, o que os diferencia é o contexto. O discurso utilitário servia os interesses burgueses, o novo discurso de então, se adaptava aos interesses contemporâneos.

Com certeza há diferenças entre o tradicional – utilitário – e essa nova forma de escrever para os jovens. Por exemplo, valoriza-se mais a emoção, a criança; são abordadas as dificuldades e questionamentos das crianças; há presença do humor, entre outras. No entanto, o discurso ainda busca o ensinamento, é normativo – visa promover o modelo de criança ideal. Além disso, é clara a assimetria entre escritor – adulto – e leitor – criança. A linguagem, proferida pela personagem infantil, não condiz com sua realidade, apresentando-se, assim, diálogos artificiais.

Perrotti (1986, p. 125) resume bem a diferença entre o antigo e o novo, “Todavia, como se trata de literatura e não de pedagogia, o ensinamento não deve aparecer no texto de forma explícita demais (...) criando no leitor a ilusão de que não se trata de um ensinamento (...)”. A intenção continua sendo ensinar, mas de forma camuflada.

Alguns autores dessa geração, como Ana Maria Machado e Ruth Rocha, iniciaram a ruptura com o tradicional por meio desse utilitarismo às avessas e, posteriormente, o ultrapassaram, desenvolvendo um trabalho estético sem fins educacionais explícitos ou disfarçados.

3 A IMPORTÂNCIA DOS QUADRINHOS (NA ESCOLA) PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Esse capítulo retrata a maneira como se dá a formação de leitores, e de que maneira esse trabalho pode ser feito com o uso dos quadrinhos. Para tanto, é descrito o Método Recepcional, que será utilizado posteriormente ao propormos uma atividade com os gibis.

A leitura é vista tanto como um ato distante da vida real – para os que não a apreciam –, como um construtor de experiências – para os que já tem gosto pelo hábito. Por muitos, a literatura é tida como uma obrigação escolar, ao contrário de ser uma escolha. Existe uma relação histórica – negativa – entre literatura e escola que faz com que a leitura seja um esforço, uma obrigação intelectual. O desafio, então, é como ensinar os jovens a terem gosto pela leitura. Hoje, com a tecnologia informacional disponível, é possível acessar páginas online que disponibilizam livros, contos, histórias em quadrinhos, sem nenhum custo, o que deveria ser (e é) um fator motivador.

A leitura da literatura, quando feita prazerosamente, em exercício de liberdade imaginativa, produz um vínculo emocional forte entre o leitor e o texto. De certa forma, a leitura de um bom poema, conto ou romance pode fazer com que o leitor traga para si características e experiências que jamais poderia ter, não fosse a leitura. Isso enriquece a identidade do leitor e lhe confere uma nova 'assinatura', isto é, mais autonomia, mais confiança, mais criticidade. (PINA, 2014, p. 14)

Na escola, em suas aulas de leitura, os textos frequentemente perdem sua função natural – a beleza da obra, o prazer estético –, para serem objetos de estudo, analisados e usados como pretexto para o ensino de algum tema específico. Os alunos devem preencher fichas de leitura de livros-objeto, o professor conduz a interpretação dos textos, e a motivação e o sentido da literatura são perdidos. Para que isso não ocorra, é fundamental a construção de uma relação professor-aluno-livro, a fim de que a literatura se torne instrumento de formação de leitores e seja criado o gosto e o hábito da leitura. Sendo assim, cabe ao professor promover essa boa relação – “Então, literatura se ensina, sim, mas não na perspectiva tradicional, cristalizada nos livros didáticos. Literatura se ensina como se ensina a viver: experimentando” (PINA, 2014, p. 22).

Historicamente, a literatura vinha sendo ensinada como vimos acima, inclusive como estratégia de dominação. Hoje em dia, em nível de Ensino Médio, as obras são escolhidas de acordo com a demanda dos vestibulares. O professor se vê diante da difícil tarefa de ensinar turmas heterogêneas, com estudantes que têm hábitos, valores, experiências diferentes, e deve ser capaz de mediar à literatura trazendo o diferente, porém não desconhecido e descontextualizado, para que seja possível a descoberta interior que ocorre no ato de leitura. Um problema recorrente é a utilização de livros didáticos, ou mesmo de literatura, que não condizem com o contexto e realidade dos alunos, resultando em um distanciamento entre obra e leitor.

Essa questão está relacionada à afetividade. Segundo Pina, “A formação do leitor e o ensino da literatura dependem da ‘sedução’” (2014, p. 15). O professor deve trabalhar na questão de como atrair os jovens – que tem acesso a diversos outros meios de conhecimento, entretenimento e prazer. Cirne (2000) questiona o mesmo ponto,

Uma biblioteca e seu ambiente podem despertar nossa criatividade, porque podemos andar pela biblioteca e descobrir certos livros que representam nossa vida, nossa alma, nossos pensamentos. Para as novas gerações, que nasceram sob o signo da televisão ou mesmo do vídeo, a Internet e as mais recentes parafernâlias eletrônicas podem seduzir, em termos criativos, tanto quanto uma boa biblioteca. O problema é outro: como fazer com que as bibliotecas, para essas gerações, tenham a mesma magia e provoquem o mesmo albramento que nos levaram a descoberta da criação (...) (CIRNE, 2000, p. 95)

É de suma importância que as escolas queiram e tentem iniciar seus alunos no hábito e no prazer da leitura. Porém, isso deve ser feito com cautela, levando-se em consideração a adequação entre texto e leitor. A leitura, para ser bem aceita, precisa ser significativa para o leitor.

Lembramos que as Histórias em Quadrinhos são ficcionais, tem personagens, ambiente, tempo, podem ter narrador, e todos esses elementos são construídos visualmente, além de verbalmente, caracterizando, assim, a linguagem dos quadrinhos. Essa ligação do texto com a imagem capta a atenção do leitor e permite com que ele participe da significação da obra. O gibi pode apresentar enunciados compatíveis às capacidades de assimilação das crianças – quando destinados ao público infantil, como, por exemplo, no caso da Turma da Mônica – e é, portanto, um gênero que se adequa às competências dos jovens leitores, servindo

como um poderoso instrumento de formação de leitor, representando uma opção de leitura que pode unir o útil ao agradável, criando hábitos de leitura e fornecendo experiências estéticas.

3.1 HQ NA ESCOLA

Anselmo (1975) descreve uma pesquisa que foi feita em 1969 por Benatti, com alunos do 1.º ciclo do Ensino fundamental, de ambos os sexos, de ginásios estaduais de São Paulo, retratando que a maioria dos jovens adolescentes tinha preferência por HQs e, também, que seus leitores eram os que mais liam outros tipos de livros. Além disso, a pesquisa revelou que, naquela época, a *Mônica* e vários outros personagens da *Turma*, eram os seus preferidos.

Quase 20 anos depois, Flávio Calazans (2005) comenta sobre uma pesquisa feita em 1988 apontando que 100% dos alunos preferiam a leitura de gibis a outros gêneros, confirmando que as HQs proporcionam uma leitura prazerosa. Tendo isso em vista, as HQs podem e devem ser utilizadas no ensino em qualquer faixa etária e nível de educação. Acreditamos que, uma vez criado o gosto pela leitura por meio dos gibis, os alunos possam expandir o gosto pela literatura, explorando assim, seus repertórios de leitura.

A fim de coletar material para o trabalho em sala de aula, o professor deve seguir o ritmo, conhecimento prévio e interesse dos alunos. Portanto, como sugere Calazans, o mais conveniente seria que os próprios alunos trouxessem o material que já leem, para que o professor possa, em seguida, classificá-los – em tiras humorísticas de jornal ou revista, revistinhas-gibis de consumo subproduto de desenhos animados exibidos pela televisão ou cinema, subprodutos de jogos de video-game ou fliperama, gibis que são subprodutos de modismos da TV, gibis clássicos geralmente traduzidos do inglês, álbuns de quadrinhos mais sofisticados como Asterix e Tintin, etc. A partir dessa classificação, o professor pode planejar suas aulas adequando o conteúdo programático à realidade do aluno e os quadrinhos selecionados. Dentre as diversas atividades possíveis, o autor propõe exercícios matemáticos, como por exemplo: “Para um acervo de 42 gibis temos 25 alunos. Quantos gibis há para cada aluno?”, ou a criação de novos enredos a partir de balões apagados. Ainda leituras dramáticas, ou o ensino de nomes de ruas e praças (onde há venda de gibis) e a leitura de biografias das pessoas

homenageadas com seus nomes nas ruas. Além disso, adentrando nas temáticas dos gibis, um trabalho com assuntos a serem debatidos como violência, política, tecnologia, geografia, ciências, sexualidade, preconceito, artes.

Em relação à *Turma da Mônica*, Calazans propõe:

(...) podemos explorar a criticidade dos alunos, atentando, por exemplo, para a ausência de signos brasileiros – com exceção de Chico Bento e seu modo de falar caipiresco – e para os defeitos de caráter de cada um dos personagens, os quais podem ser relacionados aos sete pecados capitais (Magali relaciona-se à gula; Mônica, à ira; Cebolinha, à inveja; os Souza, à luxúria; Tina, à vaidade; Franjinha, à soberba; Chico Bento, à preguiça). (CALAZANS, 2005, p. 16).

Além disso, propõe que Chico Bento seja utilizado como auxílio do ensino de português.

Apesar de reconhecer o valor dos gibis no ensino, as atividades descontextualizadas propostas por Calazans não incitam a emancipação do leitor. O fato de seu trabalho se pautar unicamente no uso do gibi como pretexto para o ensino de alguma questão gramatical, por exemplo, não leva à progressão e ampliação do repertório de leitura das crianças, ao aprofundamento do próprio gênero e ao conhecimento de outros gêneros, empobrecendo seu trabalho.

Tanino (2011) reforça a importância dos quadrinhos em sala de aula:

De acordo com os PCNs, as HQs deverão estar inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). (...) É um material rico para trabalhar os conteúdos transversais, pois tem boa aceitação entre alunos e pode render outras produções do conhecimento mais interessantes a cada faixa etária. (TANINO, 2011, p. 22-23)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressaltam a importância do trabalho com os diversos gêneros discursivos, e dentre os considerados adequados para o trabalho com a linguagem escrita, está o dos quadrinhos. A formação do leitor crítico e estético se dá por meio do contato com um repertório cultural diversificado, ou seja, com obras de gêneros textuais variados.

Em vista disso, PIVOVAR (2007) também alerta para a importância do uso de gêneros orais e escritos na escola, cuja sua missão deve ser a de desenvolver os esquemas de utilização de gêneros, não só a apresentação dos mesmos. Uma vez

que a escola se restringe à sua demonstração meramente, o autor tece uma crítica a esse trabalho,

É isto o que vemos acontecer na escola: a perda do caráter ferramental da noção de gênero como fator impulsionador das mudanças da língua e como recurso pedagógico eficiente. A escola neutraliza o gênero, imobiliza-o, valorizando o excesso de explicações em detrimento do estímulo ao procedimento revisionista das formas de expressão. Com a explicação, o aluno não vai precisar procurar; já lhe foi mostrado. (PIVOVAR, 2007, p. 60)

Em relação ao desprestígio que faz com que esse gênero seja menos trabalhado, ele afirma que

A escrita dispõe de recursos mais complexos para resgatar enunciados que as histórias em quadrinhos, por exemplo, daí estas gozarem de mais prestígio entre os leitores do que os textos que assentam sobre material exclusivamente escrito. (PIVOVAR, 2007, p.18)

Quando os quadrinhos são trabalhados, “acabam servindo apenas para introduzir referências temáticas que serão "discutidas" de modo discutível. Não serão vivenciadas, mas explicadas para que sejam logo incorporadas” (PIVOVAR, 2007, p. 26), perdendo, então, a possibilidade de se fazer um trabalho mais construtivo e coerente com o gênero.

Tanino (2011) também aponta para a importância de um direcionamento mais adequado das HQs em sala de aula, pois sem isso “não haverá nenhum benefício pedagógico, os alunos somente terão um olhar de entretenimento sobre o material.” (2011, p. 27)

Por meio de um trabalho bem feito em sala de aula, o mediador – professor – pode promover reflexões sobre o uso da linguagem, dos recursos estilísticos, da estruturação do enredo e características dos personagens. Com isso, é possível alavancar a emancipação do leitor, por meio de debates críticos em relação ao texto artístico.

Há quadrinhos que são utilizados em auxílio ao ensino, mas também há quadrinhos que são produzidos diretamente com esses fins didáticos. Essa prática vem ocorrendo desde a década de 60, quando os quadrinhos eram produzidos e inseridos nos livros didáticos, ou distribuídos como material paradidático. No entanto, devido ao contexto de produção, eles visavam a propaganda política ou

ensinamentos específicos, não oferecendo grandes atrações gráficas, pois tinham textos extensos, desenho estático e ritmo monótono com linguagem difícil.

Uma vez que o gosto dos alunos é o que, em geral, motiva e envolve os mesmos, o professor não deve impor seu gosto pessoal na escolha do material. Já que a *Turma da Mônica* contém personagens com os quais os alunos podem se identificar, além de uma boa diagramação, uma linguagem acessível e temas atuais, é muito provável que o trabalho com a mesma agrade os alunos.

Assim, não resta dúvida de que uma das metas prioritárias do ensino e da arte literária é a criação do gosto pela leitura. Para tanto, cabe ao professor desenvolver um trabalho de orientação estética, que atenda e expanda os conhecimentos dos leitores, desenvolvendo a habilidade leitora e formando cidadãos críticos. Aqui exploramos o mesmo seguindo o Método Recepcional, elaborado por Bordini e Aguiar.

3.2 MÉTODO RECEPCIONAL

Em relação às mudanças ocorridas nos estudos literários, Zappone aponta que “Embora a relação leitura e literatura seja evidente, o campo dos estudos literários só passou a tematizá-la a partir das primeiras décadas do século XX e, de forma mais sistemática, a partir da década de 1960.” (2005, p.153). A partir de então, foi modificada a noção de autor, texto e leitor. O autor deixa de ser o detentor dos sentidos de seu texto, o texto de apenas transmitir as ideias de seu autor, e o leitor passou a ter papel fundamental na significação da obra, carregando consigo toda a sua experiência de vida e de leitura. Sendo assim, a Estética da Recepção, prioriza o último como seu elemento principal no ato da leitura.

Dentre os representantes da Teoria da Recepção, se destaca Hans Robert Jauss. Para ele, o foco a partir do qual se deve estudar a literatura é o de sua recepção, ou seja, o receptor da obra – o leitor, pois esse também cria o texto por meio de sua significação. Jauss também pensa no caráter artístico de um texto em razão do efeito que gera em seus leitores.

Em seu contato com uma obra, o leitor é capaz de observar suas particularidades e relacioná-las a outros textos que tenha lido anteriormente. Esse conhecimento prévio – que inclui as concepções sociais, intelectuais, ideológicas,

linguísticas, literárias e afetivas no momento de interpretação da obra – do leitor é denominado *horizonte de expectativas*. Os textos que atendem o horizonte de expectativas do leitor fazem com que ele se mantenha na zona de conforto, do conhecido. Com a leitura de uma obra que se afasta desse horizonte, ou seja, com o que Jauss chama de *distância estética*, o leitor tem suas expectativas transformadas, aumentando o nível de exigência e criando novos parâmetros.

Ao abarcar a experiência cotidiana do leitor, Jauss pretende que a literatura seja pensada não apenas em termos de seus efeitos estéticos, mas também a partir dos efeitos éticos, sociais, psicológicos que possa suscitar. Ela seria, na concepção desse autor, capaz de romper com a percepção comum que o leitor tem dos próprios fatos da vida cotidiana (...) (ZAPPONE, 2005, p. 161).

Bordini e Aguiar (1993) também deixam de entender a literatura como um sistema de sentido fechado, para considerar sua relação com o mundo fora do texto – ou seja, considerando sua recepção. Segundo as autoras, “No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas.” (1993, p. 83). Essa relação entre expectativas do leitor e a obra é tomada como critério para a avaliação estética da literatura.

Tendo isso em vista, e levando em consideração que a escola brasileira não se preocupa com o ponto de vista do leitor, as autoras propõem um Método Recepcional. Esse tem início com uma aproximação entre texto e leitor, o que vai gerar identificação ou distanciamento em relação à obra. Se o resultado é de identificação, atendendo aos valores do leitor, o horizonte de expectativas se mantém inalterado. A intenção é apresentar uma obra emancipatória, no lugar da conformadora, mas esse trabalho deve ser feito de forma cautelosa, para que não haja afastamento e repulsa por parte do leitor. Um texto bem selecionado, que se distancia do seu horizonte de expectativa, desperta a curiosidade do leitor, e faz com que ele o encare como um desafio. “O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas” (Bordini e Aguiar, 1993, p. 84-85). Assim, é modificado o horizonte do leitor, que estará preparado para novas leituras. Essa atividade é cíclica e contínua, e cabe ao professor apresentar e enfatizar a obra “difícil”, para que haja transformações nas exigências e habilidades do leitor.

O método recepcional na pedagogia da literatura está fundado na atitude participativa do aluno em contato com uma diversidade de textos, o que o incitará a reflexão e mudanças. O professor deve determinar o horizonte de expectativas de seus alunos – considerando interesses literários e vivências – e provocar situações para a quebra desse horizonte.

As etapas do método são, primeiramente, a determinação do horizonte de expectativas – momento em que o professor verifica os interesses e experiências dos alunos, para que ele possa preparar estratégias para as próximas etapas – seguida pelo atendimento do mesmo. Nessa etapa, os alunos têm experiências literárias que satisfazem suas necessidades e interesses. Ao aluno sair da zona de conforto, é feita a ruptura desse horizonte. Nessa etapa são introduzidos textos e atividades de leitura que rompem com as certezas e costumes dos alunos, cujo resultado se apresentará na etapa seguinte, a de questionamento. Nessa fase, são comparados os momentos anteriores, possibilitando a verificação da experiência literária, importante tanto para o aluno quanto para o professor. Feito esse trabalho, é chegada à última etapa, a ampliação do horizonte, em que os alunos, conscientes das alterações sofridas por meio da experiência literária, buscam novos textos, que atendam às suas novas expectativas ampliadas, tanto em relação ao tema, quanto à complexidade de composição textual. Então, todo o processo é repetido, a fim de adquirir novos progressos.

Em suma, trata-se de um método sobretudo social que foca o ensino de literatura na comparação entre o familiar e o novo, cujo objetivo está no resultado de uma leitura mais exigente em termos estéticos e ideológicos.

4 TURMA DA MÔNICA: ESTÉTICO OU UTILITÁRIO?

Após exposição da parte teórica, esse capítulo objetiva apresentar a análise dos gibis, desde 1960 até os dias de hoje, demonstrando como os temas são abordados em seus diferentes discursos, trazendo resultados em relação ao discurso empregado por Mauricio de Sousa. Por fim, proporemos uma atividade de leitura, seguindo o Método Receptional.

4.1 ANÁLISE DOS GIBIS

Com esse trabalho pretendemos destacar, no contexto de criação, as diferentes abordagens temáticas, verificando sua constituição estética na criação do texto e identificando a presença do discurso utilitário ou estético nos gibis da *Turma da Mônica*. Para tanto, foram analisados os gibis desde sua origem em 1960 até os dias atuais.

Devido a impossibilidade de contato com os gibis mais antigos, foram aproveitadas edições comemorativas que contém as primeiras histórias da *Mônica* e uma edição de 30 anos da *Mônica*. Essas apresentam tirinhas clássicas dos anos 60 publicadas no jornal "Folha de São Paulo", páginas semanais do Cebolinha dos anos 70 que tinham a presença da Mônica, que também saíram no jornal Folha de São Paulo, além das primeiras histórias da Mônica, quando ela ganha sua própria revista em 1970. Com essas edições foi possível a apreciação das histórias entre os anos 1960 até 1988. Além disso, foram selecionados gibis dos anos de 1987 a 2014, sendo um de cada ano. A lista completa dos títulos analisados está disponível nos Anexos (ver ANEXO A) desse trabalho.

Ao analisar a vasta criação de Mauricio de Sousa, foi possível perceber que o quadrinista apresenta três tipos e finalidades de discurso: para a diversão dos leitores; com propósitos didáticos e o terceiro com predomínio de intenção didática. Observam-se casos de ocorrência das três tipologias no mesmo gibi.

É possível acessar no *website* da *Turma da Mônica* (turmadamonica.uol.com.br) quadrinhos como "Turma da Mônica em: O estatuto da criança e do adolescente", "Turma da Mônica em: Cuidando do Mundo", Turma da Mônica em: Educação no trânsito não tem idade", "Turma da Mônica em: Sol e

Pele”, “Turma da Mônica em: Vacinação é um gesto de amor”, entre diversos outros seguindo o mesmo padrão. Como os próprios títulos sugerem, são histórias que intencionam ensinar algum tema específico, criadas fundamentalmente como apoio didático.

Já nos gibis das coleções populares analisados, encontramos diversos temas abordados de variadas maneiras – uns de forma mais sutil, outros com a intenção de ensinamento, e outras histórias que não condizem com a realidade infantil, tanto na linguagem quanto nas reflexões – é o problema da assimetria entre adulto escritor representando personagem infantil.

As tirinhas publicadas na década de 60 se pautavam apenas na representação da Mônica como uma menina forte e nervosa, que vivia dando coelhada nos meninos. Mauricio utilizava apenas do humor, ironia e brincadeira com a linguagem, às vezes sem textos, criando um trabalho estético de ótima qualidade. A seguir vemos exemplos de uma tirinha e uma história representando o que foi descrito acima:



Figura 2 - Tirinha de estreia da personagem Mônica
Fonte: Mônica Edição comemorativa 30 anos, 2004, p. 38

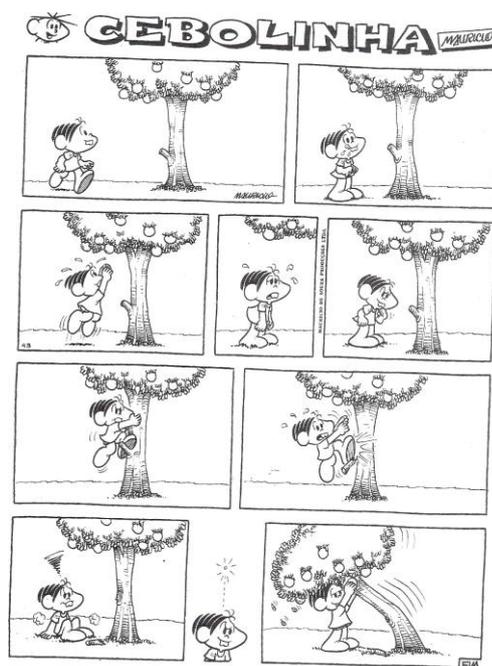


Figura 3 - Mônica nos quadrinhos do Cebolinha
Fonte: Mônica Edição comemorativa 30 anos, 2004, p. 57

A partir da década de 70, Mônica deixa de aparecer somente nas histórias do Cebolinha, e ganha um gibi com seu nome, dedicado às aventuras centradas nessa personagem, nas quais os temas específicos ganham relevância.

Passamos agora para a exposição, dividida por tema, de algumas histórias dos gibis – não só da Mônica, mas também do Cebolinha, Magali, Cascão e Chico Bento.

MEIO AMBIENTE

O tema do meio ambiente foi o mais recorrente dentre as histórias analisadas. Vimos exemplos de histórias abordando de diversas maneiras, com vários personagens e diferentes criações de discurso. Dentre os subtemas nessa questão, observamos a abordagem do atraso das estações, a luta pela salvação dos animais, a questão da extinção dos dinossauros, a poluição e destruição da natureza.

Na história, “Mônica: A vingadora” (Mônica # 82, 1977), de forma descontraída, ela foi inserida na luta pela preservação e liberdade dos pássaros. Em “Mônica e a primavera” (“Almanaque da Mônica” # 14, 1989), a história foi desenvolvida com humor ao tratar do atraso das estações do ano. Porém, ao chegar

ao final do enredo, Mauricio transmite uma mensagem por meio de um discurso explicitamente utilitário, como segue:



Figura 4 - Exemplo de discurso utilitário

Fonte: “Almanaque da Mônica” - # 14. Ed. Globo: 1989; p.10

Assim, o que era para ser uma história por meio da qual o leitor pudesse refletir sobre as estações do ano e pensar em um possível motivo para o atraso, acaba por receber uma lição de moral, por meio de um aviso. No entanto, Mauricio não retornou ao tema por ocorrência, em 1992, de uma conferência sobre o Meio Ambiente no Rio de Janeiro – a ECO92 – consagrando os conceitos de desenvolvimento sustentável e biodiversidade.

Em 1996, “Papa Capim em: O Protetor dos Pássaros” (“Mônica Carnaval”, #13), conta a história de um indiozinho que salva pássaros de serem capturados com a finalidade de se tornarem fantasia de carnaval. O resultado foi a súbita tomada de consciência do homem branco que intencionava matar os pássaros. Apesar de o tema ser útil, e a história apresentar um final simplista e improvável, entendemos que o discurso não pode ser reconhecido como utilitário. Dois anos mais tarde, no gibi “Magali” # 233 de 1998, há uma conversa entre Magali e seu pai sobre a extinção dos dinossauros. Nela, ele cita as possíveis teorias para a causa da extinção da espécie. Apesar de ser informativa, igualmente não foi construída utilitariamente.

No “Almanaque do Chico Bento” (# 50, 1999), há duas histórias nas quais o índio Papa Capim responsabiliza o homem branco pela destruição da natureza. Apesar de condenar as atitudes destrutivas do homem branco, a história se constrói com discurso estético. Já em “Papa Capim pinta os bichos” (“Cebolinha” #184, 2001), sem utilizar palavras, apenas com imagens, foi mostrada a tentativa do pequeno índio de salvar os animais. Não se pode dizer que seja uma história utilitária, mas faz com que os leitores pensem na contemplação e preservação da natureza.

Também “Chico Bento em: Fumacinha” (“Chico Bento” # 420, 2003) é uma história sem palavras, apenas por meio de imagens, apresenta uma crítica à poluição no meio urbano. Da mesma forma, no “Almanaque da Mônica” # 106 de 2005, o tema da destruição da natureza para a construção de uma usina hidrelétrica, foi tratada com beleza artística, fazendo com que os leitores apenas se divirtam, ao mesmo tempo em que reflitam sobre o assunto.

Como vimos, os diversos tópicos foram tratados ora de forma mais pedagógica, ora de forma artística, sem abdicar do objetivo de tratar de uma questão útil e contemporânea, que deve ser pensada pelos leitores.

SAÚDE/ HIGIENE/ ALIMENTAÇÃO

Outro tema presente nos gibis é o da saúde, que inclui a higiene e a alimentação. O personagem Cascão está sempre relutando ao contato com a água, o que leva os leitores a pensarem na questão do cuidado com o corpo. Além disso, há uma reflexão sobre a alimentação, por meio da comilona Magali. Adicionalmente, a questão do tabagismo foi tratada em duas histórias.

No gibi “Cascão” (# 1, 1987), há três histórias sobre o tema da higiene – tomar banho –, sendo mostrados de forma descontraída e artística. Em uma história do Papa Capim (“Almanaque da Mônica” #106, 2005), há um índio fumando e, para que os jovens não se influenciem, foi colocada, no quadrinho, uma mensagem: “proibido fumar, o chefe pode”. A história “Cascão em: O pé-frio” (“Cascão” # 115, 1991) é iniciada com o personagem pisando em um cigarro aceso e dizendo “Agora eu sei por que o cigarro é perigoso!” (p.15). Verificamos um discurso, um tanto forçado, dissimulado, pelo improvável de que uma criança teria maturidade para uma reflexão e expressão dessa forma sobre os danos causados pelo cigarro. Notamos que as décadas de 80 e 90 foram marcadas por uma forte campanha contra o tabagismo no Brasil. Portanto, certamente, o quadrinista intencionava reforçar nas crianças a ideia anti-tabagismo.

No gibi “Magali em: Boas ideias” (“Magali” #136, 1994) aborda o apetite da comilona Magali. Nessa história, ela observa animais e se inspira para comer os alimentos feitos a partir daqueles animais. Trata-se de uma história divertida que permite que os jovens leitores pensem na procedência dos alimentos que consomem.

Generalizando, mesmo que o tabagismo não seja algo presente na vida das crianças, ao abordá-lo, faz com que as crianças pensem antecipadamente sobre esse (futuro) hábito prejudicial à saúde. Além desse, a higiene e a alimentação são temas importantes a serem pensados pelas crianças, daí a relevância das histórias.

CONDUTA/ VALORES

Além dos temas anteriores, as histórias abordam questões de conduta e valores. Os gibis são ricos nessas questões, abrangendo diversos assuntos. Assim como nas tirinhas da década de 60, Cebolinha insiste que Mônica deve ter modos de menina em “Menina-moça” (Mônica # 3, 1970). Como de costume, Cebolinha provoca Mônica, e ela o agride. Uma história engraçada para divertir os leitores, sem a intenção de ensinar modos ou conduta, já que Mônica sai vitoriosa, mantendo seu jeito nada feminino.

Em 1988, “Chico Bento” (# 26, 1988) retratou temas como o amor pelos bichos de estimação – no qual Papa Capim é levado a pensar que não tem um animal de estimação, mas no final contempla os animais da natureza, considerando-os seus bichos de estimação –, ao lado de valores populares como o de que “homem não chora” – em que Chico resiste ao choro em diversas situações dolorosas, menos quando vê Rosinha com outro menino –, de forma criativa e divertida, visando o prazer da leitura despreocupada.

Em “Cebolinha: o herói” (“Almanaque do Cebolinha” # 22, 1993), o pai de Cebolinha repreende um rapaz irritado, prestes a bater em outro: “O que é isso amigo, estamos no ano internacional da paz!” (p.50) interpelando-o. Esse fato mostra que os gibis tratam de temas atuais de suas épocas de produção, já que o ano de 1993 foi considerado o ano da paz, com uma mensagem do papa João Paulo II e a condecoração de Nelson Mandela com o Nobel da Paz.

“Piteco em: as aparências enganam” (“Mônica” # 122, 1997), mostra, numa história sem falas e sem intenção pedagogizante, como as pessoas podem se iludir com o que veem – no caso, a exploração de ossos que levam à descoberta de animais antigos.

No “Almanaque do Chico Bento” (# 50, 1999), três histórias foram dedicadas aos temas alimentação e merenda. Nelas, Chico estava faminto e, em uma delas, a mãe o ensina a não exagerar, já que “tudo em excesso faz mal”. A história se pauta

no ensinamento recorrendo ao humor. Nas histórias que tratam a questão do preconceito, Chico se mostra uma pessoa desprovida de preconceitos contra o diferente, embora sofra preconceito por não usar sapatos. As histórias apresentam caráter artístico e os temas podem ser considerados úteis, informativos, sem ser utilitário, pedagogizante. Nesse mesmo gibi, também há proposta de igualdade entre sexos, em uma graciosa história na qual Horácio expressa seu desejo por poder gerar filhos.

Há duas histórias no “Almanaque da Mônica” (# 29, 1992) abordando, de forma estética, divertida e crítica, o tema da mulher. Em “Mônica em: como as outras garotinhas”, um menino diz para Mônica: “Meu pai me disse que as mulheres são o sexo frágil, e, de repente, me aparece você, toda fortuda e batendo em todo mundo” (p. 30), o que a faz pensar em mudar suas atitudes, mas acaba por manter sua personalidade ao perceber que uma nova atitude não lhe seria vantajosa. Piteco (em “Piteco: caçador caçado”) julga as mulheres como não confiáveis, pois as considera volúveis. Em oposição a essas representações, temos a Mônica, uma menina forte, decidida e corajosa.

“Cebolinha” (#184, 2001) mostra em “Cebolinha e Cascão em: O jogo de taco” a tentativa de os pais de fazerem um programa com os filhos, como esportes ao ar livre, seguido da resistência dos mesmos, por preferirem usufruir da tecnologia, assistindo desenhos na televisão. Não foi possível observar nessa história traços de um discurso utilitário, mas um texto com beleza estética e humor, com os quais muitos leitores podem se identificar.

“Almanaque do Chico Bento” (# 7, 2008) discute a questão da mudança financeira e o caráter das pessoas com “Agora qui nós semo rico, todo mundo vai querê tirá uma casquinha” (p. 5). Além disso, trata também de uma mudança negativa de atitude (“Ocê agora é uma herdeira muito rica! Carece de um namorado mior!”) do cidadão emergente, com uma posterior retomada de valores, trazendo um final feliz. Não de forma explícita, a história passa valores morais.

O meio rural foi representado por meio do personagem Chico Bento. Apesar de haver diversas histórias, duas em especial chamaram a atenção. Na edição # 13 de 1996, “Mônica Carnaval”, há uma representação da experiência de Chico Bento passando um carnaval na cidade, pasmado com a semi-nudez das mulheres, mostrando assim, a percepção dessa criança do meio rural quanto à festa.

A superioridade do cidadão do meio urbano em relação ao do rural foi questionada em “Chico Bento e o lobisomem” (“Chico Bento”#420, 2003), quando o primo da cidade afirma que “Esse pessoal do interior inventa cada história! Tudo pra tentar assustar a nós, da cidade, que somos muito mais cultos, informados e esclarecidos!”. Ao perceber que havia se abalado com a história contada por Chico, ele se retrata “Er...bem...talvez não tão cultos e esclarecidos assim!” (p.12). Sem fins didáticos, apenas usando do bom humor, a história apresenta o contato entre os moradores dos dois meios, além da quebra do preconceito.

A primeira história é interessante por mostrar uma visão diferente de algo que nos é tão familiar no meio urbano. A segunda representa uma ótima forma de desconstruir o preconceito existente contra o morador do meio rural.

Pudemos observar histórias que visavam ensinamentos, mas em sua maioria, elas apenas demonstraram as questões, mostrando como valores e condutas estão presentes nas personalidades e atitudes das personagens, e dos seres humanos.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

Uma das características da *Turma da Mônica* é que suas personagens, com exceção do Chico Bento, não frequentam a escola. Porém, encontramos duas histórias que abordam a questão escolar.

A primeira história do O “Almanaque da Mônica”, n. 29 de 1992, teve início com perguntas, ao modo de uma prova objetiva com Mônica se irritando e respondendo “Isto aqui é uma história em quadrinhos! E não uma prova de vestibular” (p.5). A questão é se uma criança saberia o que é uma prova de vestibular para agir de tal forma. Além disso, os próprios leitores saberiam do que se trata? Com certeza continha a esperança de que isso despertasse a curiosidade dos jovens leitores. Apesar de o assunto do vestibular parecer descontextualizado, tendo em vista personagens e prováveis leitores de 6 a 10 anos, o diálogo entre as personagens e narrador é bastante criativa.

Como já foi dito, os personagens não frequentam a escola, no entanto, “Magali em: Doidinha pra ir à escola”, (“Magali” #136, 1994), apresenta a personagem empolgada para ir à escola pela primeira vez aos 6 anos de idade, mas

chegando lá, só o que a interessava era a hora do recreio. A história já é diferente da maioria das presentes nos gibis, pois apresenta pelo menos o ambiente escolar.

Segundo entendemos, as duas histórias não visaram incentivar os leitores aos estudos, apenas abordaram a questão. Na primeira, apenas incitando a curiosidade dos que não sabiam do que se tratava o termo “vestibular”, a segunda apenas mostrando a personalidade da Magali sobrepondo o interesse educacional.

CIÊNCIAS/ TECNOLOGIA

Franjinha é conhecido por seus experimentos em geral, mas nos gibis analisados não são só suas experiências científicas que são expostas. Outros personagens também se aventuram na arte da invenção, como a criação de robôs, experimentos laboratoriais, questões físicas como as impressões sobre o movimento e a relação entre cor e absorção de calor, e a inserção da internet, de celulares e de palavras em língua inglesa no universo infantil.

Na história “Mônica: a unhas” de 1977, da revista Mônica # 81, Franjinha cria uma poção que faz com que as unhas – e também o corpo – cresçam e diminuam. Uma história que aponta para o hábito de roer unhas, mas tratando-o de forma criativa e com um desfecho divertido. A questão específica da criação de robôs para uso pessoal foi tratada, sem fins educacionais, em “Mônica em: Confusões mecânicas” (Mônica # 15, 1988). Trata-se de um robô que acaba por ser destruído ao ser encontrado pela *Turma*.

“Mônica em: a fórmula para ficar superforte” (“Almanaque da Mônica” # 14, 1989), apresenta o cientista atrapalhado, Doutor Cranius, tentando elaborar uma fórmula química para obter força muscular com o uso de ratos de laboratório – que fogem com suas malas ao perceberem que fariam parte do experimento. Mônica e o cientista acabam se encontrando e seus planos não tem o final esperado. A história é composta com um discurso estético, humorístico e artístico, sem apelo pedagógico. No “Almanaque da Mônica”, # 106 de 2005, “Bidu em: pára o mundo” aborda a questão das impressões sobre o movimento – Bidu dialoga com Boris, ensinando-o que o mundo não se move quando ele está dentro do carro, mas que o carro, ao se movimentar, cria essa impressão. Essa curta história diverte e faz com que o leitor reflita sobre o assunto.

Já em 2006, um dos temas abordados em O “Almanaque da Mônica” #116, 2006), foi o uso da internet. O pai do Cebolinha dá uma lição de moral no filho quanto ao uso consciente da internet. Apesar da mensagem passada pelo pai – que não serve só para o personagem, mas também para o leitor –, a história se desenvolve com humor e diverte o leitor.

“Mônica em: coelhadas extraterrestres” # 31 de 2009, apresenta temas como a relação entre a cor do tecido e a absorção de calor, de forma criativa – “Dona Morte em: Calor de Matar”, uma história informativa e divertida, anuncia a existência dessa relação, quando uma *personal stylist* oferece ajuda à Dona Morte, induzindo-a à troca de vestimentas, a fim de que ela não sofra por conta do calor no verão.

“Mônica em: o melhor presente do mundo” # 51 de 2011, contém temas atuais, como o uso de palavras em inglês no vocabulário das crianças e o uso de celulares. Apesar do humor e diversão que a história proporciona, está presente uma lição, quando o pai da Mônica diz que “telefones não são brinquedos” (p.26). Além disso, não condiz com a idade das crianças a fala da Mônica: “quão bucólico e pitoresco” (p.16) ao ver os meninos brincando com telefones de copinhos, objeto nada tecnológico.

Os temas abordados são úteis e, uma vez que fazem parte do cotidiano das crianças, elas devem refletir sobre tais assuntos.

INTERTEXTUALIDADE

Nas histórias analisadas, promovendo a intertextualidade, Mauricio faz menção a outras histórias, mesclando-as em suas. “Magali” (#162, 1995) apresenta somente histórias criativas, despertando o lado imaginativo das crianças. Por exemplo, “Dudu em: Contos para abrir o apetite” traz contos infantis como os *Três Porquinhos* e *A bela adormecida*, com os finais modificados, o que faz com que as crianças reflitam sobre as diferenças entre o original – que possivelmente já leram ou escutaram em outras situações – e a nova versão.

“Mônica” (#122, 1997) teve início com uma história na qual há presença forte de intertextualidade – a Turma está fantasiada de vários personagens de diversas histórias – como “Superhomem”, “As mil e uma noites”, “Indiana Jones” –, e no decorrer da trama, são apresentadas suas características. Uma história criada

sem fins pedagógicos, mas que poderia render aos leitores um trabalho criativo em sala de aula.

A apresentação de clássicos da literatura infantil possibilita um trabalho comparativo para os que já conhecem as histórias, ou ainda despertam o interesse para os que ainda não tiveram contato com as mesmas.

LINGUAGEM / SENTIDO DENOTATIVO X CONOTATIVO

A questão da linguagem, segundo o uso de termos em seus sentidos denotativo e conotativo é algo muito recorrente nas histórias. Os personagens utilizam expressões e termos que podem apresentar ambiguidade de sentido, e seu interlocutor geralmente compreende de forma equivocada, dando humor às histórias.

Em sua primeira tirinha da personagem *Mônica*, publicada em 1963, no jornal “Folha de S. Paulo”, Mauricio apostou em uma brincadeira com a linguagem, como segue:



Figura 5 - Exemplo de uso da linguagem criativa

Fonte: *Mônica Edição comemorativa 30 anos*, 2004, p. 38

A história “Mônica Enfrenta o Menino de Borracha” (*Mônica* # 6, 1970) apresenta a confusão que expressões da língua podem gerar:



Figura 6 - Língua sendo mal compreendida

Fonte: *As primeiras histórias da Mônica*, 2002, p.134

Em 1988, “E o mar levou” (Mônica #13) brinca com a ambiguidade da frase “Tanta onda e ninguém prestou atenção” no que se refere ao fato de haver muita onda no mar e por esse motivo não foi possível que as pessoas prestassem atenção na Mônica, e também “onda” no sentido de “tanta enrolação”, pois ela se preocupou tanto à toa, já que no fim ninguém notou que ela estava sem biquíni.

Ainda em 1988, Mônica ao perder seu coelho em “Dodói por causa do Sansão” (Mônica # 18), diz que vai virar a casa de cabeça pra baixo. No quadro seguinte, vemos a expressão sendo levada ao pé da letra:



Figura 7 - Representação do sentido conotativo e denotativo
Fonte: Mônica Edição comemorativa 30 anos, 2004, p.187

“Penadinho em: espíritos” (“Mônica” # 122, 1997) apresenta uma divertida história abordando o termo “espírito de (algo)”, inspirando os leitores a pensarem em outros termos que já conhecem.

Em 2000, “Mônica” (# 171), foram apresentados problemas na compreensão de termos ao tratar o sentido figurado e o denotativo de palavras na história “Penadinho em: fantasma sarado”. No diálogo entre Penadinho e Zé Vampir: “O negócio é malhar”, “Opa! Que legal! Adoro fofoca! Vamos malhar quem, hein?”, “To falando em malhar o corpo! É queimar algumas calorias e só!”, “Nossa! Agora você quer dar uma de incendiário?”, “Queimar caloria é gastar energia, não sabe?”, “ Ah não! Isso não é comigo! Lá na tumba eu sempre apago as luzes antes de sair e...” (p. 61-62).

Em “Chico Bento” (# 420, 2003), também há presença do uso da linguagem figurada sendo incompreendida (“essa história está muito arroz-com-feijão”).

Essa brincadeira com a língua é muito frequente nos gibis de Mauricio de Sousa e constitui um ótimo artefato para desenvolver a capacidade de interpretação e compreensão das crianças.

4.2 APRECIÇÕES GERAIS

Um recurso criativo utilizado por Mauricio de Sousa é sua própria presença nas histórias, como personagem ou como narrador. O autor se faz presente nos quadrinhos, por exemplo, em “Sansão! É o nome do meu coelhinho!” (Mônica # 161, 1983), na qual há uma mensagem do criador para a Mônica, como se ele fizesse parte da trama. Em 1987, “A força da Mônica” (Mônica # 6, 1987), Mauricio aparece na história, em desenho, como um personagem. A revista n.1 do “Cascão” de 1987 foi iniciada com uma nota sobre a mudança de editora – a *Turma* deixa de ser parte da editora Abril e passa a ser publicado pela editora Globo. Já na primeira história, há uma conversa entre o personagem Cascão e o quadrinista Mauricio de Sousa, na qual o criador explica sobre as individualidades de cada personagem, o que faz com que haja “uma certa identificação com alguns leitores” (p.7) – característica já descrita nesse trabalho em outras seções. Em “Cascão” (#1, 2007) também Cascão conversa com o desenhista. Essa conversa entre narrador-criador e personagens pode ser um bom exemplo de criatividade para os leitores.

Quanto à linguagem utilizada nos quadrinhos, foi possível observar que muitas vezes havia uma assimetria entre adulto e criança. O fato de as personagens crianças serem criadas por um adulto, resulta nessa irregularidade – a linguagem não condiz com a realidade infantil, como vemos neste exemplo: “Ponha a língua para fora! Deixe-me vê-la um pouco!”, essa é a fala de Mônica para Cebolinha, utilizando da norma culta, muito improvável para uma criança de menos de 8 anos. “E hoje vamos debater as maneiras de conter o crescente poder da Mônica!...”. Essa fala de Zé Luis em “Mônica é Daltônica?” (1970) ao propor a queda do poder de Mônica no bairro, se utiliza de um vocabulário que não condiz com os conhecimentos linguísticos de uma criança. Além da inverossimilidade no vocabulário, há reflexões que também não condizem com a realidade infantil, como em: “Mas prefiro continuar vivendo...e renunciar às coisas boas da vida!” (reflexão de Mônica em “Mônica é Daltônica?”- 1970). Também, em “Mônica” (#171, 2000), na frase “além de toda a sujeira e poluição do mundo, agora andam largando estátuas dentuças por aí!” (p.79), é possível notar essa assimetria entre adulto e criança, já que não se espera que uma criança pense e fale dessa forma sobre o mundo. Em

2007, “Cascão” # 1, ao tentar incitar o valor à vida que cada pessoa deve ter, Cascão aparece com um linguajar completamente inapropriado para uma criança:

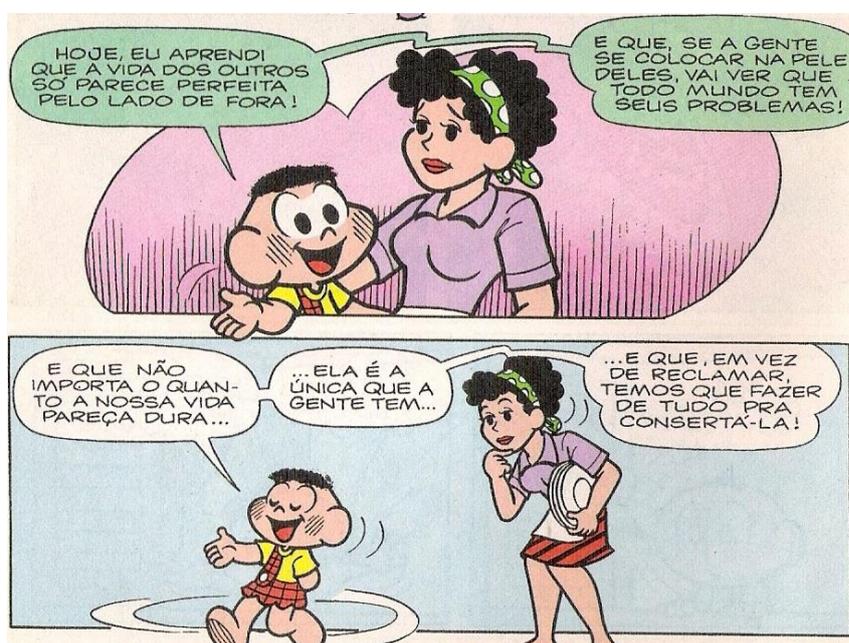


Figura 8 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas
 Fonte: “Cascão” # 1, 2007. p.20

“Chico Bento” (# 7, 2008) também apresenta esse problema quanto ao pensamento adulto adentrado no universo infantil quando Chico diz “Num si disiste nunca di um grande amor! Ocê tem di lutar por ele!” (p.25). Seria muito improvável que uma criança tivesse tal tipo de reflexão. Em 2010, o mesmo ocorre em “Cebolinha em: cineminha 3d lá na minha casa” # 47:



Figura 9 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas
 Fonte: “Cebolinha em: cineminha 3d lá na minha casa” # 47, 2010. p.17

Outro problema de assimetria entre adulto e criança expresso na linguagem, está em “Mônica em: o melhor presente do mundo” # 51 de 2011,



Figura 10 - Exemplo de linguagem e reflexão inapropriadas

Fonte: “Mônica em: o melhor presente do mundo” # 51, 2011, p. 48

Como demonstrado nos parágrafos iniciais deste subcapítulo, pudemos perceber que o trabalho de Mauricio de Sousa foi se modificando com o tempo. Por exemplo, no início, o autor se utilizava da norma culta nas falas de seus personagens, a citar: “Mônica! Venha até aqui! Quero falar-lhe!” (Jotalhão chamando a Mônica). Além disso, apontava para as variações colocando as palavras entre aspas, como no exemplo a seguir: ““Me dá” uma estátua e “deixa eu” dar uma voltinha?”. Isso também ocorria quando Cebolinha trocava as letras: ““Enflentar” a Mônica? Vocês está “blincando?”” (Cebolinha em “Mônica: a dona da rua”). Já a partir da segunda metade da década de 70, as trocas de letras do Cebolinha aparecem apenas em negrito e itálico, como vemos nos gibis de hoje em dia, e a fala das crianças condiz melhor com a linguagem mais coloquial da vida cotidiana.

Ainda, as tramas não tinham temas que visassem o ensinamento de algo em específico. Em sua maioria, apenas mostravam a Mônica como uma menina forte e briguenta, e apresentava os planos dos meninos para tirarem a Mônica do poder. As histórias eram construídas de forma artística, com discurso estético, visando apenas à diversão das crianças. A quantidade de histórias com pouco ou nenhum texto, apenas com imagens, também era muito maior. Com um trabalho de qualidade, seu objetivo era alcançado, como a seguir:

Segundo o próprio *website* da *Turma da Mônica*, Chico Bento foi criado em 1961 e estreou em 1963, sendo uma versão infantil do *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato. Assim como Jeca, Chico representa o cidadão do meio rural, com suas características e estereótipos – preguiça, ignorância, deboche em relação à modernidade urbana. No entanto, uma questão (paradoxal) a se pensar é o fato de o único personagem a frequentar a escola ser o Chico Bento, apesar de ser morador do meio rural, além de estar frequentemente em contato com a religião católica, enquanto que os personagens do meio urbano não tem contato com o ambiente escolar ou religioso. Por meio das histórias, a princípio, não é possível entender o motivo de tal escolha pelo criador, a não ser que a intenção (às escuras) seja a de transmitir a ideia de que as crianças da zona rural precisam estudar, reforçando a necessidade de aprender a variedade culta. Em relação à religiosidade, talvez, a ideia de que o povo da zona rural ainda preserva os costumes religiosos.

Apesar de o criador alegar que Cascão teve sua criação inspirada em um amigo de infância, a campanha pela higiene pessoal estava em alta na época de sua criação – 1961 –, assim, Mauricio de Sousa provavelmente intencionou (ainda que não conscientemente) colaborar com a campanha por meio do personagem.

Quanto ao Papa-Capim, possivelmente, o autor teve a intenção de mostrar o contato dos índios com o homem branco, além de como são afetados pela modernização e urbanização das florestas.

Após essa análise, observamos que, além dos temas tratados utilitariamente às avessas, como a constante assimetria entre adulto e crianças no que se refere à linguagem utilizada nos quadrinhos, ocorre frequentemente o recurso a críticas e observações que identificamos como utilitárias às escondidas. Em entrevista gravada no dia 9 de junho de 2010, na sede da Mauricio de Sousa Produções Ltda., em São Paulo, disponível no *website* <http://www.producaocultural.org.br/slider/mauricio-de-sousa/>, Mauricio de Sousa afirmou que começou a produzir para crianças com o intuito de formar leitores. Quanto a isso, afirmou:

Então nós estamos ensinando a criançada a ler, usando as armas que nós temos e ainda, por outro lado, estamos produzindo desenhos animados, estamos montando novos parques, então nós estamos cercando a criança com o principal: o conteúdo que nós passamos nas revistas. Nós estamos convidando as crianças a ler, a conhecer, a escrever, a desenhar, a se tornar um profissional de comunicação (...)

Sobre a temática de suas histórias, ele disse que faz histórias em quadrinhos universais – como já fora apontado nesse trabalho –, e complementa:

Há uma listinha dos assuntos, dos temas, do comportamento que deve ser seguido pela nossa turminha para eles poderem andar na Vila do Limoeiro universal que nós estamos tentando criar (...) normalmente o meu cuidado é para que a história tenha emoções básicas. As emoções são imutáveis, são raivinha, amor, ódio, ciúminho, ambição, isto não muda - então é você fazer a história com estes elementos e a moldura você muda conforme o caso.

Mauricio ainda declarou que considera os temas em evidência e cria suas histórias incluindo-os nelas, o que constatamos na análise dos gibis.

Para finalizar a entrevista, o quadrinista declara: “Então dá para você colocar tranquilamente formação, informação, ética, comportamento nas histórias em quadrinhos sem que ninguém perceba”. Essa última informação dá sustentação à nossa intuição acerca de um quarto tipo de discurso, que consiste num utilitarismo disfarçado, às escuras.

Finalizada nossa reconstituição conceitual e histórica das HQs e dos tipos de discurso, passaremos à formulação de um esboço de proposta de atividade educacional com HQs.

4.4 PROPOSTA DE ATIVIDADE

O desafio é o de propor um trabalho que não seja exclusivamente utilitário, mas recorrer a um material prioritariamente estético como os quadrinhos, além de outros gêneros e, assim, sugerir a aplicação do Método Recepcional, utilizando-se de textos e estratégias interessantes que ampliem o horizonte de expectativa dos alunos.

Segue a atividade que proponho aqui, para uma aula de literatura, para o 6º ano, seguindo o método recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1993).

Tema:

O meio rural.

Objetivo:

Promover a desconstrução do estereótipo do caipira, além da quebra do preconceito contra o gênero história em quadrinhos.

Material utilizado (ver ANEXO B):

Quadrinhos do personagem Chico Bento, de Mauricio de Sousa.

Conto “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato.

Filme “Jeca Tatu”, de Mazzaropi.

Poema “Trabalhar rural”, de Juscelino Alves.

Contos de “O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras”, de Ruth Rocha.

Livro em quadrinhos “*As melhores histórias do Sítio do Picapau Amarelo*”.

Procedimentos didáticos:

1- Determinação do horizonte de expectativa:

O professor propõe uma breve reflexão sobre o nome e adjetivo “Jeca” - O que caracteriza uma pessoa jeca? O que motiva alguém a “chamar” outro de Jeca Tatu? – seguida por uma discussão sobre o morador do meio rural e seu estereótipo/preconceito. Os alunos devem apresentar suas opiniões para que sejam debatidas. Em seguida, o professor levanta dados sobre textos conhecidos por eles que contenham elementos rurais. Esse é o momento em que o professor apresenta o tema da atividade que será desenvolvida, intera-se mais sobre as opiniões, conhecimentos e experiência dos alunos, podendo ser capaz de planejar as outras etapas da atividade.

2- Atendimento do horizonte de expectativas:

Para atender aos interesses dos alunos, o professor começa apresentando o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, como o primeiro personagem assim nomeado e o Chico Bento como sua versão mirim, respondendo à questão da etapa anterior e apresentando o que será trabalhado em seguida. É feita, então, a leitura de tirinhas do Chico Bento (ver Anexo B) e conduzida uma discussão acerca da imagem que se tem do caipira. Nessas tirinhas selecionadas, Chico é mostrado como um menino preguiçoso, burro e folgado. No entanto, essa imagem estereotipada é desconstruída em histórias nas quais Chico contracena com seu primo da cidade, mostrando-se um menino inteligente, perspicaz e sábio. O aluno deve ser capaz de identificar essas qualidades na personagem e dar sua opinião sobre o assunto. A escolha pelas tirinhas se deu devido ao fato de os alunos estarem na idade em que a leitura de histórias em quadrinhos é bastante comum, além de as tirinhas apresentarem fácil compreensão devido à linguagem e ao humor utilizados pelo autor.

3- Ruptura do horizonte de expectativas:

Após analisar a imagem que se tem do caipira Chico Bento, será lida a história do *Jeca Tatu* (1918), de Monteiro Lobato, (até o momento em que o médico o consulta, já que a intenção, nesse momento, não é a de se adentrar em ensinamentos sobre saúde, o que acaba acontecendo após tal momento do conto) a fim de corroborar com a imagem negativa que se tem do cidadão do meio rural. Para realizar um trabalho com diversos gêneros, será assistido a um trecho (que se inicia aos 46:55 minutos e segue até 56:40 minutos) do filme *Jeca Tatu* (1963), de Amácio Mazzaroppi e, posteriormente, conversar sobre as semelhanças e diferenças entre o Jeca de Lobato e o Jeca de Mazzaroppi. Em seguida, a fim de se romper preconceitos, fazer a leitura do poema “Trabalhador Rural”, de Juscelino Alves, que mostra outro ponto de vista em relação ao caipira, uma vez que a ideia é promover a quebra de preconceitos.

4- Questionamento do horizonte de expectativas:

Ao relacionar quadrinhos, conto, filme e poema, o professor deve estimular uma quebra do preconceito, alertando que os autores, possivelmente, intencionavam denunciar o estereótipo e não reforçar preconceitos. Também para mostrar o outro lado do caipira, realizar a leitura dos contos de “O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras”, de Ruth Rocha (ROCHA, Ruth. *O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras*. Ilustrações de Claudio Martins. Salamandra, 2010). Nesses contos, a autora mostra os costumes e a sabedoria popular que também estão presentes nas cidades do interior. Ao final dessa etapa, além de pensarem na mudança de concepção do caipira, os alunos devem pensar nas atividades de leitura em si.

5- Ampliação do horizonte de expectativas:

Ainda para a quebra de preconceitos, os alunos devem fazer a leitura do livro em quadrinhos *As melhores histórias do Sítio do Picapau Amarelo* (Editora Globo, 2008), que mostra que também no meio rural há cultura, diversão e criatividade. Nesse momento, o professor poderá trabalhar com a parte gráfica/visual das HQ, não se limitando à parte verbal, mostrando como as cores, balões, linhas, traços, onomatopeias, interferem na compreensão da história. A retomada das histórias em quadrinhos é proposital, para que os alunos tenham a experiência de leitura de quadrinhos mais simples, como as tirinhas de Chico Bento, e de

quadrinhos mais elaborados, como o proposto aqui. Como produção escrita, pode ser solicitada a criação de uma história em quadrinhos, contendo os elementos não verbais e abordando a temática do meio rural.

Uma vez que o método recepcional é cíclico e não tem um fim, todo o processo deve ser retomado, criando novos horizontes de expectativas a serem rompidos e ampliados. Assim, para continuar o processo de leitura, sugerimos que sejam utilizados contos de “Contos Caipiras”, de V. J. Palaoro (PALAORO, V.J. *Contos Caipiras*. Coleção Jabuti. Ilustrações de César Landucci. São Paulo: Saraiva, 2008), que exigem maiores habilidades leitoras, já que apresentam estruturas mais elaboradas.

Com essa atividade, não visamos apenas à introdução de temas para debates por meio dos quadrinhos, por isso a retomada do gênero na última etapa, mas como opção de leitura – uma vez que, por sua natureza, oferecem enunciados de rápida captação – para incitar a prática e desenvolvimento da habilidade leitora, tratando de um tema em específico – o meio rural – e trabalhando com diversos gêneros.

É difícil realizar um trabalho estético quando se tem um tema específico a ser trabalhado, principalmente, quando se trabalha com crianças, já que essas devem receber formação conteudística, de caráter e comportamental, que acaba sendo função da escola. No entanto, é possível não se limitar ao utilitarismo, principalmente, na escolha do material a ser empregado e na forma de conduzir a aula. Nota-se, portanto, o quanto as HQs servem de ferramenta para um ensino de qualidade e que há muito de estético em sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a literatura contribui no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual, a atividade de leitura deve ser iniciada desde cedo. Para isso, é preciso que o livro infantil seja agradável e estimule o imaginário do pequeno leitor criando, assim, uma relação prazerosa entre obra e leitor (e por extensão, entre professor e aluno). Por meio do livro, o leitor é capaz de vivenciar o mundo encantado das histórias, aflorando a criatividade. Isso atrai o interesse das crianças. Lendas, contos, fábulas e quadrinhos são exemplos de criações estéticas que atraem os jovens leitores e podem cumprir com o papel da literatura - fantasia, percepção e questionamento do leitor. Os quadrinhos, além de serem um produto cultural – e teoricamente ingênuos, quando voltados ao público infantil –, permitem ao leitor uma reflexão sobre o ser humano e o mundo ao seu redor.

O preconceito com os quadrinhos reside, entre outros motivos, em sua linguagem, considerada simples. No entanto, o que ocorre é que os gibis apresentam enunciados compatíveis com as capacidades de assimilação dos leitores, sendo assim, ela não é simples, mas adequada ao seu público. Temos a exemplo de imagem unida a texto direcionada ao público adulto, as charges, com sua linguagem elaborada, repleta de ironia e humor, que exigem conhecimentos contextuais não disponíveis para crianças. Então, como generalizar que quadrinhos em geral são coisas “para criança”? Eles ainda são considerados formas facilitadas de leitura, porém, o que dizer, por exemplo, de quadrinhos que não seguem uma ordem linear? Eles exigem do leitor a construção cronológica da história. Possibilitam a criação de imagens e significações. Assim, os quadrinhos têm suas complexidades características do seu próprio gênero. Apesar disso, a escola tem, desde seu surgimento, a tradição de valorizar os cânones, deixando as HQs em segundo plano.

Na verdade, as criações de Mauricio de Sousa fazem sucesso não só em todo o Brasil, mas em diversos lugares do mundo por cumprirem com o papel da literatura, permitindo aos leitores vivenciarem novas experiências e questionarem a sociedade em que vivem. As histórias em quadrinhos apresentam enredos narrados por meio de desenhos e textos, utilizando de um discurso mais próximo da língua falada, sendo, então, um gênero textual bem aceito entre os estudantes. Tendo isso em vista, por que não utilizá-los em sala de aula?

Neste trabalho, além de propormos uma possível atividade, intencionamos mostrar o caráter que chamamos utilitário às escuras do discurso presente nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa. O desafio de nossa pesquisa residiu no fato de a literatura infantojuvenil ainda ser mal vista nos dias de hoje, devido ao caráter didático-pedagógico que permeia seu discurso. Os resultados encontrados foram que os quadrinhos analisados apresentam, além dos canônicos, um discurso “utilitário às escuras”, uma vez que além de divertir os leitores, visa formação de caráter e comportamento, mas seu trabalho é feito, muitas vezes, de forma sutil, escondida.

A defesa pelo uso dos gibis na escola não se pauta somente pela possibilidade de facilitar a compreensão de algo em específico, mas na possibilidade de conhecer e valorizar mais o gênero e criar o gosto pela leitura, permitindo que os alunos possam desejar entrar em contato com outros gêneros – que são tão importantes quanto os quadrinhos..

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Zilda Augusta. **História em Quadrinhos**. Petrópolis, Vozes. 1975
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : 144p. 1997.
- CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3.ed. rev e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P.235-63
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil – Teoria, Análise, Didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. (Org.). **Educação, mídia e cognição**. Bauru Sp: Canal 6, 2010.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- MELLO, Roger. **A literatura além do verbal**. In: Literatura para crianças e jovens: por um novo pensamento crítico. Fabiane Verardi Burlamaque, Tânia M. K. Rosing (Org.). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.
- OLIVEIRA, Ieda de. **Literatura para crianças e jovens**. In: Literatura para crianças e jovens: por um novo pensamento crítico. Fabiane Verardi Burlamaque, Tânia M. K. Rosing (Org.). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes e OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia. São Carlos**, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010. Disponível em: <

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>>. Acesso: 22 julho 2014.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos formando leitores hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

PIVOVAR, Altair. **Escola e histórias em quadrinhos**: O agon discursivo. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/amnorte/arquivos/File/altairpivovar.pdf>. Acesso em: 22 julho 2014.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney**: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas, 2002.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado**: da teoria à prática. EccoS, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>> Acesso em: 05 dez. 2014

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária** - abordagens históricas e tendências contemporâneas, 2.ed. Maringá: Eduem, 2005.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira – Histórias e Histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987

Entrevista com Mauricio de Sousa. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/themes/prod-cultural/integra/integra-mauricio-de-sousa.html>> Acesso em: 05 dez. 2014

ANEXOS

ANEXO A – Lista dos títulos que foram analisados nessa monografia

Estão listados os títulos das histórias e as edições de publicação originais das histórias contidas na *Edição Comemorativa – Mônica 30 anos* da Editora Globo, publicada em 2004, além das 40 tirinhas clássicas dos anos 60 e 10 páginas semanais do *Cebolinha* dos anos 70, nas quais aparecia a Mônica:

Mônica é daltônica? (MN # 1 - Ed. Abril, 1970)
 Cascão não quer sabão (MN # 1 - Ed. Abril, 1970)
 Um elefante incomoda muita gente (MN # 2 - Ed. Abril, 1970)
 A dona da rua (MN # 2 - Ed. Abril, 1970)
 dos discos (MN # 3 - Ed. Abril, 1970)
 Quem tem medo da mini-mônica? (MN # 3 - Ed. Abril, 1970)
 Os perigos da noite (MN # 4 - Ed. Abril, 1970)
 A unhuda (MN # 81 - Ed. Abril, 1977)
 A vingadora (MN # 82 - Ed. Abril, 1977)
 Sansão! É o nome do meu coelhinho! (MN # 161 - Ed. Abril, 1983)
 A força da Mônica (MN # 6 - Ed. Globo, 1987)
 Como adultos (MN # 4 - Ed. Globo, 1987)
 Abraço da amiga urso (MN # 8 - Ed. Globo, 1987)
 E o mar levou... (MN # 13 - Ed. Globo, 1988)
 Confusões mecânicas (MN # 15 - Ed. Globo, 1988)
 Dodói por causa do Sansão (MN # 18 - Ed. Globo, 1988)
 Pra ser ideal (MN # 15 - Ed. Globo, 1988)
 O duelo das bruxas (MN # 17 - Ed. Globo, 1988)
 Por dentro da moda (MN # 14 - Ed. Globo, 1988)

Lista das histórias analisadas em *As primeiras histórias da Mônica*, da Editora Globo, publicada em 2002:

Mônica (vice-versa) (Ed. Abril, 1970)
 Mônica (a pedra) (Ed. Abril, 1970)
 Mônica (Alegria, Alegria?) (Ed. Abril, 1970)
 Mônica (Sorria) (Ed. Abril, 1970)
 Mônica Menina-Moça (MN # 3 - Ed. Abril, 1970)
 Mônica (Tropeçando) (Ed. Abril, 1970)
 O Medo da Mônica (Ed. Abril, 1970)
 A ameaça do Coelhinho (MN # 5 - Ed. Abril, 1970)
 A Ermitã (MN # 6 - Ed. Abril, 1970)
 Mônica (Pintando Bigode) (Ed. Abril)

Mônica Enfrenta o Menino de Borracha (MN # 6 - Ed. Abril, 1970)
 Mônica (Malmequer) (Ed. Abril)
 A Língua do Cebolinha (MN # 7 - Ed. Abril, 1970)
 A Estrelinha Perdida (MN # 8 - Ed. Abril, 1970)
 Um Quase Monólogo! (MN # 8 – Ed. Abril, 1971)
 A sereia do Rio (MN # 9 – Ed. Abril, 1971)
 A Mascarada (MN # 10 – Ed. Abril, 1971)
 Oi, Mônica (MN # 10 – Ed. Abril, 1971)

Os gibis analisados de 1987 a 2014 foram:

“Casção” - # 1 – Ed. Globo, 1987
 “Chico Bento” - # 26 – Ed. Globo, 1988
 “Almanaque da Mônica” - # 14 – Ed. Globo, 1989
 “Casção” - # 115 – Ed. Globo, 1991
 “Almanaque da Mônica” - # 29 – Ed. Globo, 1992
 “Almanaque do Cebolinha” - # 22 – Ed. Globo, 1993
 “Magali” - # 136 – Ed. Globo, 1994
 “Magali” - # 162 – Ed. Globo, 1995
 “Mônica Carnaval” - # 13 – Ed. Globo, 1996
 “Mônica” - # 122 – Ed. Globo, 1997
 “Magali” - # 223 – Ed. Globo, 1998
 “Almanaque do Chico Bento” - # 50 – Ed. Globo, 1999
 “Mônica” - # 171 – Ed. Globo, 2000
 “Cebolinha” - # 184 – Ed. Globo, 2001
 “Chico Bento” - # 410 – Ed. Globo, 2003
 “Mônica” - # 211 – Ed. Globo, 2004
 “Almanaque da Mônica” - # 106 – Ed. Globo, 2005
 “Almanaque da Mônica” - # 116 – Ed. Globo, 2006
 “Casção” - # 1 – Ed. Panini, 2007
 “Almanaque do Chico Bento” - # 7 – Ed. Panini, 2008
 “Mônica em: coelhadas extraterrestres” - # 31 – Ed. Panini, 2009
 “Cebolinha em: cineminha 3d lá na minha casa” - # 47 – Ed. Panini, 2010
 “Mônica em: o melhor presente do mundo” - # 51 – Ed. Panini, 2011

ANEXO B – Material utilizado na proposta de atividade

Tirinhas:



(disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com.br>)

História do Jeca Tatu de Monteiro Lobato:

Jeca Tatu - Monteiro Lobato



Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

Que grandíssimo preguiçoso!

Jeca Tatu era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.

Por que não traz de uma vez um feixe grande? Perguntaram-lhe um dia.

Jeca Tatu coçou a barbicha rala e respondeu:

Não paga a pena.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar arvóres de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

Por que você bebe, Jeca? Diziam-lhe.

Bebo para esquecer.

Esquecer o quê?

Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

Além de vadio, bêbado...

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.

Jeca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarmento, mas bom companheiro e leal amigo.

Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jeca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por quê? Desânimo, preguiça...

As pessoas que viam aquilo franziam o nariz.

Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

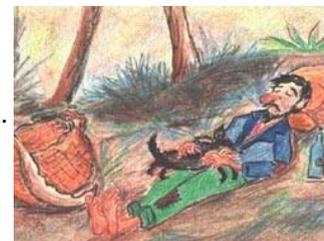
É que ele mata.

E porque você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiu por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

Quá! Não paga a pena...

Além de preguiçoso, bêbado; e além de bebado, idiota, era o que todos diziam.



Poema:

Trabalhador Rural – Juscelino Alves

Assim que o dia anuncia
 Acorda às cinco da manhã
 e pega a sua bóia fria.
 Enche o peito de orgulho e leva sua inchada.
 Aquela companheira de sempre
 dessa longa jornada.
 Com suas mãos calejadas e o rosto pingando suor.
 O dia vai passando e o cansaço vai ficando pior.
 Com seu chapéu de palha
 é meio que tapar o sol com a peneira.
 Mas sua alegria vem
 quando vê seus filhos descendo a ladeira.
 Chegando da escola
 muito humildes com os cadernos dentro de uma sacola.
 Ele vai logo dizendo
 Meus filhos de cansaço teu pai estar sofrendo.
 Vai logo em casa almoçar para teu pai vim ajudar.
 Das minhas mãos calejadas meus filhos
 eu tiro o sustento pra vocês poder estudar.

(disponível em: <http://sitedepoesias.com/poesias/64928>)

Contos caipiras:

O velho, o menino e o burro

Um velho resolveu vender seu burro na feira da cidade. Como iria retornar andando, chamou seu neto para acompanhá-lo. Montaram os dois no animal e seguiram viagem. Passando por umas barracas de escoteiros, escutaram os comentários críticos;

- Como é que pode, duas pessoas em cima deste pobre animal!

Resolveram então que o menino desceria, e o velho permaneceria montado.

Prosseguiram... Mais na frente tinha uma lagoa e algumas velhas estavam lavando roupa. Quando viram a cena, puseram-se a reclamar:

- Que absurdo! Explorando a pobre criança, podendo deixá-la em cima do animal.

Constrangidos com o ocorrido, trocaram as posições, ou seja, o menino montou e o velho desceu. Tinham caminhado alguns metros, quando algumas jovens sentadas na calçada externaram seu espanto com o que presenciaram:

- Que menino preguiçoso! Enquanto este velho senhor caminha, ele fica todo prazeroso em cima do animal. Tenha vergonha!

Diante disto, o menino desceu e desta vez o velho não subiu. Ambos resolveram caminhar, puxando o burro. Já acreditavam ter encontrado a fórmula mais correta quando passaram em frente a um bar. Alguns homens que ali estavam começaram a dar gargalhadas, fazendo chacota da cena:

- São mesmo uns idiotas! Ficam andando a pé, enquanto puxam um animal tão jovem e forte!

O avô e o neto olharam um para o outro, como que tentando encontrar a maneira correta de agir. Então ambos pegaram o burro e o carregaram nas costas !!!

Uns perus pro seu juiz

Era uma vez seu Porfírio.

Era uma vez seu Candinho.

Vizinhos de cerca, colegas de escola, vagos parentes.

Seu Porfírio, briguento como ele só.

Brigava com os parentes por causa de heranças, brigava com os vizinhos por causa de limites de terras, brigava até com os filhos por causa de dinheiro.

Seu Candinho, o contrário.

Amigo de todo mundo, resolvia seus problemas com conversas, com prosa, com jeitinho.

Um dia seu Candinho recebeu uma herança de um parente afastado.

Seu Porfírio ficou morrendo de inveja. Começou a falar mal de seu Candinho a todo mundo:

— Bonzinho? Pois sim! Estes são os piores...

Seu Candinho fez que não sabia e foi vivendo.

E cada vez seu Porfírio ficava com mais raiva de seu Candinho.

Então seu Porfírio inventou que o riacho que passava pelas duas fazendas era dele só e desviou o curso do riacho. Seu Candinho ficou sem água.

Aí seu Candinho ficou zangado.

Procurou o advogado dele, doutor Alex, e mandou uma ação em cima do seu Porfírio.

A demanda se arrastou, com uns tais de embargos, e umas tais de ações suspensivas, umas tais de peritagens, uns tais de recursos, até que o julgamento foi marcado.

Seu Candinho foi procurar o advogado:

— Seu doutor, o senhor não achava bom se a gente mandasse aí uns perus pro seu juiz? Será que não facilitava as coisas?

O advogado botou a mão na cabeça:

— Que é isso, seu Candinho? O juiz é o doutor Honório, o juiz mais severo do Estado! Se o senhor manda um presente pra ele, ele é capaz de dar ganho ao seu Porfírio só pra mostrar como ele é honesto...

Seu Candinho saiu dali pensando...

No dia do julgamento estava todo mundo nervoso. Menos seu Candinho:

— Não se preocupem, nós vamos ganhar. Podem ter certeza... Não carece de ninguém ficar nervoso...

Doutor Honório chegou de cara fechada, como se estivesse zangado com alguma coisa, não cumprimentou ninguém.

O julgamento foi rápido e realmente seu Candinho ganhou.

Seu Porfírio foi condenado a pagar um dinheirão a seu Candinho e ainda teve de voltar o rio pra onde ele estava.

Dona Chiquinha, a mexeriqueira de Xique- xique

Dona Chiquinha era uma velhota boateira e tagarela. O marido, seu Honório, era um homem sério e caladão. Por isso os dois viviam brigando.

E tanto brigaram que seu Honório resolveu montar uma armadilha para dona Chiquinha.

Um dia ele trouxe para casa uma trouxa muito bem amarradinha que ele a escondeu no armário. Dentro da trouxa havia um ovo bem grande de peru.

À noite seu Honório esperou que dona Chiquinha pusesse seus papelotes, deitasse na cama e pegasse no sono.

Então ele trouxe o ovo para a cama e acordou dona Chiquinha aos gritos.

- acorde, Chiquinha, olhe o que me aconteceu !

- O que foi, o que foi ,Honório ?

- Chiquinha, Chiquinha, olhe só ! Eu botei um ovo !

Dona Chiquinha ficou muito espantada.

Seu Honório preveniu :

- Veja lá, hein, Chiquinha. Não vá contar isso para ninguém !

- Eu, Honório ? Deus me livre ! Eu sou incapaz de contar um segredo ! Eu sou ..

- Já sei – interrompeu seu Honório – Você é um túmulo !

De manhã, como todos os dias, seu Honório foi trabalhar.

Dona Chiquinha, já sabe ! Correu para a casa da comadre para fuxicar.

- Comadre, nem queira saber ! – e contou tudinho para a comadre, com uma porção de detalhes, que era para a história ficar mais interessante. E naturalmente pediu à comadre o maior segredo. A comadre, dona Trudinha, respondeu ofendida:

- Mas é claro, Chiquinha, é claro que eu guardo segredo ! Você pode confiar em mim ! Eu sou um túmulo !

Quando dona Chiquinha saiu, a comadre, já sabe ! Correu para a casa da irmã dela.

Assim, o dia todo, aquela história tão absurda foi contada de casa em casa, por toda a cidade.

E, quem conta um conto, aumenta um ponto...

Quando o coitado do seu Honório chegou em casa à noite, havia uma multidão na porta da casa dele. Ele até assustou pensando que tivesse acontecido alguma coisa a sua mulher !

Então ele encontrou um conhecido e perguntou o que havia.

- Pois você não sabe ? Aí na rua tem um sujeito que bota ovos à noite. Dizem que só esta noite ele botou pra mais de três dúzias...

Seu Honório não sabia se ria ou chorava.

De longe, ele viu dona Chiquinha, toda atrapalhada, tentando explicar o caso como ela podia...

Ele então resolveu ficar fora por uns tempos e deixar que a mulher se arranjasse como pudesse.

Quando ele voltou, dona Chiquinha nem tocou no assunto. E nunca mais dona Chiquinha saiu mexericando pelo Xique – xique...